



REVISTA

777



**HÁ DOIS ANOS
FORJANDO OURO EM
AÇO**

ANO 1 VOL 8



EDITORIAL

Al III-69. There is success.

93 a todos, hoje comemoramos dois anos de nossa primeira publicação no Equinócio da Primavera de 2017 concretizávamos ainda que timidamente o anseio de uma publicação Thelemita que tivesse multi linguagens, multi facetas, multi estudos e fosse multi linhagens das manifestações da Santa Ordem da A.:A.: no Brasil, sem ufanismos, não sei de outro lugar no mundo, nem outras pessoas que tenham conseguido, em conjunto, fora de qualquer hierarquia estrutural colocar a promulgação da Lei de Thelema em primeiro lugar assim meus sinceros agradecimentos aos parceiros eternos da primeira hora: Soror Adler, o incansável Frater I156, Frater Amaranthus e Frater Alhudhd, sem vocês nada teria valido a pena.

Sempre tivemos ajudas e colaboração de nomes de peso de Thelema seja num contexto sul americano quanto mundial aqui fica um agradecimento nosso a essa ajuda da primeira hora até agora: Qvif (grande incentivador), IAO131 (obrigado pelo hexagrama unicursal brasileiro) Michael Staley, Karel McCoy, Natasha Nox, Soror Nema, David Cherubim, Venus Genetrix, T.Allen Greenfield, Aureaus 273, Selwanga, Verônica Rivas, Star Ruby, Orryelle Defenestrade, Paul Joseph Rovelli. Agradecemos a maravilhosa equipe 777 que cresceu e hoje conta também com as Sorores Nemo e Ignis(NunIshtar)e o frater Djedji.

Nessa edição temos a novidade e a ousadia de lançarmos nossa primeira versão bilíngue (português-inglês) assim nossos queridos amigos irão poder ler nossos escritos. Força e fogo são de nós.

H418 e Equipe 777



Mariana Falcão
@mfalcao.studio

SUMÁRIO

- 05 Liber OZ
- 12 8 considerações sobre Hod
- 18 Bem-vindo(a) ao probacionato
- 22 Pensamentos diversos
- 25 O encontro dos triângulos
- 26 Regras Sufi pt2
- 31 Disciplina e Liberdade
- 39 A tristeza é bela
- 41 Às crianças choronas do novo Aeon
- 45 Terapia da máquina 0.1
- 56 The night billows
- 57 Thelemagick: Ararita
- 66 10 considerations regarding Malkuth
- 69 9 considerations regarding Yesod
- 75 Astrum argentum
- 82 Crowley & Raul

OZ: A CASA DA FORÇA

Tive contato com a literatura fundamental de Thelema muito antes de ser capaz intelectualmente, e de ter maturidade, para entendê-la. O livro da Lei me deixou a impressão de ser uma literatura chocante, mas sequer pude entender os temas apresentados. Os nomes das divindades, as sentenças duras, deixaram uma impressão forte que rapidamente se perdeu por não encontrar sentido real. O livro quatro, Magick, falava de uma magia que pouco me interessava no momento. Eu queria aprender magia prática e direta, feitiços que solucionassem os problemas que eu julgava ter no cotidiano. Longas elucubrações sobre magia cerimonial me eram de pouco ou nenhum interesse. Assim, o tal Aleister Crowley me pareceu um profundo conhecedor de uma magia que não me trazia as soluções para questões que me interessavam. Mas Liber Oz, teve um efeito diferente. Não era sobre magia, carregava o sentido de liberdade que sempre me faltou nas visões filosóficas e sociais de um típico ser humano, brasileiro, da virada do milênio. Liber Oz grita sobre direitos básicos, e é uma carta de alforria da superstição ou crença religiosa, ou pseudo-religiosa. É antropocêntrico. “Não há deus senão o homem”. Assim é comum, e até de bom senso, considerá-lo como uma carta dos direitos básicos do ser humano. É direto. No entanto, muitos anos mais tarde, quando realmente me interessei em me tornar um thelemita, e aspirar a uma magia para além de algo que me proporcionasse soluções para questões do meu ego, encontrei novamente esse texto, assim como os outros acima citados. Nesse momento me foi ensinado que o quinto ponto do panfleto, sobre matar aqueles que queiram contrariar esses direitos, poderia também conter um sentido interno. Imediatamente surge com a pergunta: Que entidade está interessada em contrariar esses direitos?

O “Ego”. Essa parte meio humano, meio animal, que existe em mim para me proteger de situações dolorosas e incômodas, que se desenvolve a partir dos pequenos traumas de que uma vida terrena está constituída. Quando você cai de



bicicleta, e rala o joelho, torce o tornozelo, e essa parte de você te faz ter medo de subir novamente na bicicleta, com o honesto e justo propósito de que você não volte a se machucar. Esse “ego”, te protege fisicamente, mas também emocionalmente de situações estranhas que causaram ou podem vir a causar dor, e visa criar um mundo de expectativas conhecidas, onde nada é surpreendente realmente. Assim foi recentemente que formei a concepção que Liber OZ pode ser entendido como uma alforria do corpo e do ser Real, mais do que uma carta de direitos humanos básicos. Esse livro-panfleto se encontra categorizado como um livro de classe E. Essa classe de livros se destina a aqueles voltados a propagar a Lei.

Assim, minha proposta é uma análise mais detida sob essa perspectiva, não excludente, senão complementar, que carrega esse panfleto propaganda da liberdade. O primeiro elemento desse documento é a letra “O”, que contém um heptagrama com duas pontas voltadas para cima, e uma para baixo. A parte interna desse heptagrama e suas conexões formam a figura que é símbolo daquela Santa Ordem que não possui nome entre os homens, a estrela de Babalon. Em cima desse heptagrama, está a marca da Besta, que é um símbolo lunar coberto pelo signo solar: O Sol em conjunção com a Lua. É interessante notar que esse símbolo aparece posicionada no meio dos lados que correspondem ao Sol (anima) e a Lua (spiritvs), do heptagrama no Azoth. Que entre muitas coisas, trata do encontro da consciência Real, diurna, com aquela oculta, noturna, que traz consigo os sonhos, desejos, reprimidos ou não, fantasias, e medos mais ignorados; o inconsciente. A conjunção astrológica representa a união de forças numa mesma direção. O signo é coberto pelo terrível número seiscentos e sessenta e seis, na ponta inferior do heptagrama, que é associada ao planeta Saturno e/ou a Terra, tempo e espaço, onde se encontra corpo físico. O “666”, sobrepondo a ponta ligada ao corpo, funções que convencionalmente deixamos a cargo do tal “ego”, o soberano impostor que só consegue ter uma postura reativa. Esse terrível número é a soma dos lados do quadrado mágico relativo ao Sol, novamente, mostrando a interação desejosa entre corpo e alma. Ainda, o nome do livro é Oz: O, ayin, cujo valor é 70, e o significado é olho; e Z, zain, cujo valor é 7, e o significado é espada. O Olho, e a Espada, sugerem vigilância e observação.

Seguindo nossa análise, o panfleto possui quatro citações do livro da Lei. A primeira sobre uma, chamada, lei do forte. Seria esse forte uma imagem daquele emocionalmente inabalável? Quem dentre nós é realmente inabalável? A dor de uma lâmina em brasa, do desprezo sentido pelo amor não correspondido, ou a traição do amado amigo ou consanguíneo... Há algum ser humano que não se sente profundamente abalado com elas? Então o forte talvez não seja esse além-do-humano, inabalável, e sim um aspecto que vive dentro de cada um dos fracos. Não inabalável, mas que manifesta a alegria do mundo na certeza da impermanência. Essa citação é seguida da síntese da nossa filosofia: “Faze o que tu queres há de ser tudo da Lei”. Essa citação casa com a última sentença do docu-

mento: “Amor é a lei, amor sob vontade”. É um ponto exaustivamente debatido em nossa literatura, felizmente, mas vale ainda ressaltar que se trata da união cabalística da palavra que tem sentido em Vontade Divina (Thelema) com uma das oito palavras gregas que se traduziria para amor (Ágape) nos idiomas modernos. É importante notar essa riqueza dos idiomas clássicos, a palavra que se traduz como amor, no idioma original, possui nuances e especificidades que merecem ser consideradas com critério. A citação seguinte apenas reitera a importância de analisar sob o jugo de “quem” está esta vontade, e sua inescapabilidade, fixando Thelema como a apoteose da liberdade e mais estrita das injunções. A última citação de que falaremos nesse panfleto trata da universalidade da lei assim promulgada: “Todo homem e toda mulher é uma estrela”. Essa acredito que dispensa maiores comentários.

Não há Deus senão o homem. Centralizado após o símbolo e as primeiras ci-



tações ao livro da Lei. Como dito, essa frase sumariza o homem como centro da filosofia e seu eixo, assim é ele o ponto a ser observado, e sob ele a vigilância não mais sobre princípios religiosos, superstições ou valores sociais, mas por uma via céptica, científica e ainda assim humanitária.

1. Do direito de viver como manda a vontade; trabalhar, brincar, descansar e morrer sob o jugo desta.

É interessante notar a mudança de orientação para alguém vindo de religiões abraâmicas, pois nestas, os profetas são tidos como exemplos de ser humano a ser copiado, e seus livros sagrados trazem jurisprudências específicas sobre como atuar em cada aspecto da vida, desde a complexa Torá, a altamente específica Sharia, até o simplório “pensar o que Jesus faria”. Fica evidente não só que essas regras de conduta e leis são muito específicas daquele tempo e espaço onde se vivia. O enorme pânico por criar um grupo onde impere a “libertinagem”, ao se exercer tais direitos, por parte de alguns que leem essa declaração de independência, deriva do fato de que ao pensarem em liberdade só conseguem pensar de forma reativa, e em seus próprios caprichos, em vez de estender essa visão aos diretos sendo exercidos sob o jugo de uma Vontade Divina de um ser Real. Isso posiciona a nossa filosofia como algo que está acima de costumes, e valores temporais. Muito embora a cultura, e a sabedoria ancestral, tenham seu valor e mereçam profunda consideração, eles não devem reger sob a Vontade. Pela primeira vez, é colocado sob responsabilidade do praticante o juízo moral sobre o que é ou não um trabalho digno, assim como o descanso, o jogo, e o que significa morrer e viver, sem que a régua da moral social ofusque sua própria individualidade. Todo esse item trata do corpo.

2. Os direitos de comer, beber, habitar, e se mover como quer a vontade.

Seguindo ainda no tema do controle do corpo, mas em um outro capítulo, tudo aquilo que o alimenta, e que conseqüentemente alimenta sua alma. Esse item pode ser tão profundo quanto se queira. Voltando as religiões abraâmicas, especialmente observa-se uma proibição alimentar quanto ao porco, ou sobre restrições em relação ao álcool, ou sobre como conduzir uma dieta, que não deixam de ser bons conselhos ao observar o contexto em que foram escritos. Ou mesmo nas religiões afro-brasileiras observamos as chamadas quizilas, onde um filho de dado santo, não pode com determinados alimentos ou bebidas. No entanto, estas não são mais imposições e sim conselhos sobre sua natureza, mas que cabe a cada um o desvelar desta, fora de regras e opiniões quando estas repetidamente demonstram não ter efeito ou serventia sobre o nosso modo de vida.

Eu enxergo aqui ainda um outro ângulo sobre o comer, pois muito se sabe sobre o uso religioso, ou místico, do jejum. Uma das maiores fontes de ansiedade, e reflexo da mesma, são os hábitos alimentares. Não raro os desejos não atingidos em um aspecto da vida se tornam petiscos, e caprichos em forma de prato, para satisfazer um ego faminto. Não raro, uma mente inquieta come o tempo inteiro. Assim também essa prática jejum funciona na direção oposta quando bem aplicada, pois leva ao confronto com o estado da mente que gera esse comportamento. Além é claro de vantagens do jejum para práticas como asana ou pranayama, que

são ferramentas também de controle do ego, e observação da natureza Real. As restrições nesses hábitos eram antes também fundadas na conservação da vida, com objetivo sim controle social, mas também é notório que a realização é alcançada em vida e toma tempo de trabalho, por isso tais restrições religiosas. Ainda que na aurora do novo éon cada um viva pela sua própria lei, A Lei é para todos, e todos esses direitos serão exercidos sob Vontade.

O direito de viver e se mover como manda a Vontade, elimina todas amarras psicológicas que alguém possa ter para viver ou se mover, somos essencialmente humanos, não árvores. Tampouco somos apenas animais. Assim a busca da autorrealização não está presa a um grupo familiar, étnico, ou cultural, necessariamente... ou aquele externamente atribuído a você pela geografia, ao contrário atende a anseios de uma realidade muito mais urgente do que física, que é com frequência além de temporária, apenas aparência sem conteúdo. Todo esse item trata da boca, figurativamente ou não, e tudo que entra por ela, que alimenta, e conserva.

3. Os direitos de pensar, falar, escrever, expressar artisticamente e vestir como manda a vontade.

O campo do pensamento é um tanto enganoso, visto que é onde em tese somos mais livre que em todas as outras áreas, já que ousamos fantasiar tudo aquilo que não nos damos o direito de fazer, falar, escrever ou expressar de qualquer outra forma. Por um outro ângulo, todos crescemos em, algum ponto, moldados pela cultura local ou educação familiar, e esses moldes traçam linhas onde sequer o pensamento deve ir. Inclusive alguns tendo o azar de desenvolver desvios cognitivos, e sem um grande esforço e até ajuda não podem deixar esses grillhões. A questão é que talvez a sua natureza venha a se encontrar justo em uma dessas zonas onde o pensamento foi adestrado a não ir.

Todos os outros direitos no item falam sobre expressão daquilo que o pensamento concebeu, assim como uma função é dependente da outra, nenhuma externalização que esteja realmente sob Vontade seria possível sem ser concebida por um pensamento sob Vontade. Todo discurso que visa propagar pensamento hegemônico de um grupo do qual se faça, e mais frequentemente ainda, de um grupo do qual se queira fazer parte, tem grande chance de ser um discurso de um ego escravizado pela opinião dos pares, e disposto a abrir mão de individualidade em nome de prestígio, aceitação e camaradagem. Qualquer tipo de força tirana se apropria primeiro do discurso, com o ego não é diferente. Todo esse item trata de tudo aquilo que “sai da boca”.

4. O direito de amar sob o jugo da vontade.

A interpretação mais literal desse documento muitas vezes parte de mentes pouco treinadas, inclusive já chegou a se questionar se esse item incluiria uma

apologia ao estupro... Para esses é preciso esclarecer que estupro não é um ato de amor, já que parece que alguns parecem conhecer tão pouco do que significa essa palavra, e ainda que só uma mente com ideias muito infantis sobre a vida é capaz de entender a liberdade como existente de forma independente da responsabilidade. Toda ação, inclusive as dos itens anteriores, carrega um peso de responsabilidade por ela, seja de pressão social, seja de rejeição interna e contradição. Os desvios sexuais, e um entendimento incompleto da sexualidade, são a mesma coisa que agir sem conformidade com a vontade, a verdadeira natureza do desejo de união daquele ser.

5. O direito de matar aqueles que se opõe...

A essa altura do campeonato, esse artigo já se tornou repetitivo e maçante o suficiente, para que se entenda que esses “direitos”, frequentemente lidos “apenas” como a carta de direitos do homem, são na verdade como afirma Crowley: “a apoteose da liberdade e a mais estrita das injunções”. Se utilizar de uma prerrogativa de liberdade para outra vez ser subserviente aos caprichos de um ego, uma alma estritamente animal e reativa, de atitudes previsíveis e nada originais, é apenas mais uma vez ser um escravo.

Assim sendo, a importância fundamental desse documento vai para além de uma propaganda da Lei, papel que ele cumpre de forma monumental, e para além de um compromisso social. Aceitar liber Oz, como muitas ordens thelemitas podem propor como condição necessária ao ingresso, é também declarar guerra a um rei impostor, ou inimigo interno.

Uma das mudanças do tarô de Thoth, desenhado por Frieda Harris, é a carta A Força, mudar de nome para algo como “O Tesão”. Originalmente a carta apresenta uma mulher domando uma besta pela boca, e na versão de Harris, Nossa Senhora monta uma besta leão-serpente de sete cabeças com um óvulo sendo fecundado em uma das mãos, e há um longo bastão, que entre outras coisas é símbolo do domínio sob a terra, na outra. Em ambos os casos há uma figura em evidente submissão.

“(...) Aum! Todas as palavras são sagradas e todos os profetas verdadeiros; salvo apenas que eles entendem um pouco; resolvem a primeira metade da equação, deixam a segunda intocada. Mas tu tens tudo na luz clara, e alguns, embora não todos, no escuro.” (AL I:56)

Os dois últimos itens do documento são a respeito do coração.

I.156



Rafael Medeiros
@rafaelmedeiostarot
fb.com/Tramolhos

8 CONSIDERAÇÕES SOBRE HOD

Seguindo o diminuto estudo e investigações sobre os tipos de trabalho dentro das esferas da Árvore da Vida, obviamente dentro de um contexto mais contemporâneo, sob o ponto de vista Thelemita e fora da tradição judaica, seguimos com Hod ou Glória. Sempre achei que a maior das maiores pegadinhas que podemos supor existir em qualquer trabalho seria: o ápice do trabalho intelectual “descansar” sobre o mundo das águas, ou seja, afundar no oceano das emoções pelo peso morto dos porquês de tudo que nos cerca (dispersão), bem vindos ao trabalho de Hod a esfera de Kokab!

Muitas divindades ou arquétipos ligados à esfera de Mercúrio possuem duas características distintas: uma é de ser o inteligentíssimo agente mensageiro, quase o mago carteiro, a segunda é de ser “brincalhão”, “pregador de peças”, como dizem em inglês “trickster” (malandro, trapaceiro, etc.) de qualquer forma sendo deuses ou contra partes psicológicas nossas que se excitam durante o trabalho em Hod, fica claro que o terreno de trabalho será mais movediço do que de fato esperamos. Assim temos os famosos deuses magos Hermes, Thoth (Tahuti), Anubis, Loki entre outros, levando para a nossa cultura indígena tupi-guarani temos o deus Polo, o senhor dos ventos, mensageiro de Tupã. Ou nosso querido Exú, Elegbara, Elegua, Papa Legba, o grande senhor dos caminhos, guerreiro do movimento e da inteligência dentro das tradições Yoruba e Afro brasileiras ou Afro cubana como desejarem, é aquele que sempre vem primeiro e para quem é sempre oferecida as primeiras oferendas, enfim são forças ou entidades ou projeções arquetípicas mais próximas de nossa realidade cultural e social.

*“Tahuti standeth in His splendor at the prow, and Ra-Hoor abideth at the helm
...”*

Liber Resh Vel Helios

Como 1ª consideração temos no Texto Yetzirático:

“O oitavo Caminho chama-se Inteligência Absoluta ou Perfeita, pois é o instrumento do Primordial, a não possui raízes, com as quais possa penetrar a implantar-se, salvo nos lugares ocultos de Gedulah, da qual emana sua essência característica.”

A interpretação mais “psicológica” da esfera Hod é que corresponde à nossa capacidade de abstrair, conceituar, raciocinar, se comunicar, e esse nível de consciência decorre do fato de que, para sobreviver, desenvolvemos um sistema

nervoso capaz de construir representações internas do mundo. Essa comunicação ou tal capacidade pode ser dar de variadas maneiras, nem sempre a mais usual.

Assim vou seguir com um tipo de comunicação menos óbvia, porém igualmente potente. O 2º aspecto sobre Hod é que temos nas artes divinatórias potentes comunicações Mercuriais. Quanto às inteligências cuja tarefa é dar informação ao adivinho, suas naturezas são variáveis, e correspondem mais ou menos ao caráter do meio de adivinhação empregado. Assim, as inteligências geomânticas forças de natureza da terra, distinguidos uns dos outros pelas modificações causadas pelas várias influências planetárias e zodiacais relacionadas com cada um dos símbolos.

O Tarô, por outro lado, sendo um livro, está sob Mercúrio, e a inteligência de cada Atu é, fundamentalmente, Mercurial. Tais símbolos são, portanto, peculiarmente adequados para comunicar pensamentos. Eles não são “grosseiros”, como os gênios geomânticos; mas, por outro lado, sua leitura requer experiências pois há sempre o lado “trickster” no aéreo Mercúrio. É sempre essencial que o adivinho obtenha absoluto controle mágico das inteligências do sistema que ele adota. O mediador do jogo não deve permitir a mínima possibilidade de ser enganado, iludido ou escarnecido. Ele não deve permitir a ambiguidade na interpretação das perguntas do consulente. É um truque frequente obter uma resposta que é literalmente correta, no entanto, enganadora. Por exemplo, poderíamos perguntar se tal e tal transação comercial será lucrativa, e descobrir, depois de recebermos uma resposta afirmativa, que o lucro será da outra parte da transação!

Na Geomancia, figuras que se relacionam muito bem com esse espírito de velocidade e comunicação e possuem em comum o Gênio Taphthartharath¹ que costuma realizar bons trabalhos quando devidamente invocado.

No 3º aspecto falaremos sobre as qualidades de Hod, sua virtude é a honestidade ou a veracidade, e seu vício é a desonestidade, falsidade ou a inverdade, até mesmo a verdade parcial. Uma das características de poder criar representações abstratas da realidade e comunicar algum aspecto dela a outra pessoa é a possibilidade de deturpar a realidade ou, expor somente algumas cores do prisma.

Uma ilusão da influência de Hod é no sentido de tentar impor o senso de ordem sobre o mundo. Isso é muito perceptível em algumas pessoas; sempre que algo acontece, eles imediatamente o classificam e declaram com grande autoridade, são os teóricos da percepção, (não à toa na GD havia o grau de Theoricus que naquela ordem se liga ao trabalho de Yesod) “. A dicotomia ocorre porque as pessoas confundem sua representação interna do mundo com o próprio mundo e, no afã de ver sempre parte da totalidade da foto, tentam encaixá-lo em sua

1 Ver The Equinox Vol1 N.3

representação previamente estabelecida.

A ilusão de ordenamento (de que tudo no mundo pode ser perfeitamente classificado) relaciona-se intimamente com o qliphoth de Hod², que é a rigidez ou ordem rígida. Desde a visão aberta e despojada da criança que todo absorve vamos aos poucos nos restringindo e medindo as coisas através de um conceito que foge ao sentido de percepção das coisas, muitas vezes atribuindo valores que nos são tendenciosamente simpáticos e chegamos já no final da juventude/início da vida adulta míopes e cheios de falsas certezas a respeito do universo que nos cerca.

A experiência mística e magicka da esfera de Hod é o 4º aspecto em nosso discurso e se trata da Visão do esplendor. Existe regularidade e ordem no mundo - nem tudo é uma ilusão - e quando alguém é capaz de apreciar a ordem natural em seu sentido abstrato, via matemática, por exemplo, pode levar a uma experiência genuinamente religiosa e até extática e o segredo disso está no estudo minucioso da Cabala e de seus métodos. Vejamos que todo processo leva para uma experiência espiritual que visa uma mudança fundamental de paradigma, mudando a percepção do aspirante enquanto ele aspira sua Grande Obra, uma vez que ele se coloque no lugar do ego ou da personalidade ele volta a enxergar e sentir as percepções de acordo com sua conveniência. Assim, vemos que em Malkuth sua experiência foi a visão do seu Sagrado Anjo Guardião, depois em Yesod há a visão do Mecanismo ou Engrenagem do Universo. Assim a experiência de Hod através das práticas que levarão à destruição da casa de deus proporcionará uma intensa visão do esplendor do mundo, tornada visível através dos olhos do intelecto racional.

“Eu dou alegrias inimagináveis na terra: certeza, não fé, enquanto em vida, sobre a morte; paz indizível, descanso, êxtase; nem eu exijo nada em sacrifício.”

(AL I:58).

A Imagem Mágica de Hod é o nosso 5º aspecto ou consideração pois nos dá ferramentas muito interessantes para meditação. A compreensão da natureza dinâmica a formal do trabalho mágico de “concretizar ideias” está resumida no símbolo do ser em que se combinam os elementos masculino e feminino. Por essa razão é essencialmente a Esfera das formas animadas pelas forças da natureza; e por com consequência inversa, é a Esfera em que as forças da natureza assumem uma forma sensível.

O Nome Divino de Hod, Elohim Tzabaoth, Deus das Hostes, contém o símbolo hermafrodita de modo muito interessante, pois a palavra Elohim é um substantivo feminino com um plural masculino, indicando, assim, segundo a maneira dos

2 SAMAEL (SMAL): SHEOLIEL + MOLEBRIEL + AFLUXRIEL + LIBRIDIEL Enganadores [malabaristas de crânios], cujas formas são as de um demônios com cabeças de cães.

cabalistas, que ela representa um tipo duplo de atividade ou de força que funciona por meio de uma organização. A ideia de uma única divindade masculina é única em nossa era moderna. Em todas as culturas antigas, os Elohim eram homens e mulheres. No Egito, eram Osíris (masculino) e Ísis (feminino). Em Canaã, era El e Elat (também conhecido como Asherah). Para os gregos era Zeus e Hera. Para os romanos eram Júpiter e Juno. Para os alemães eram Odin e Frigg. As três Sephiroth do Pilar Negativo da Árvore têm a palavra Elohim como parte do Nome Divino. Tetragrammaton Elohim em Binah; Elohim Gebor em Geburah; e Elohim Tzabaoth em Hod.

Assim ficam claros que os atributos de Elohim são masculinos e femininos. Para os que desejam se aprofundar neste assunto, Vivianne Crowley em seu livro Cabala – um enfoque feminino, sustenta que Elohim Tzabaoth, seria mais bem traduzido como Deusa das Hostes.

Nossa 6ª consideração diz respeito ao Atu XVI, pelo seu nome, O Senhor dos Exércitos dos Poderosos, este Atu é atribuído à letra Peh, que significa boca; e refere-se ao planeta Marte. Na sua interpretação mais simples, refere-se à manifestação da energia cósmica em sua forma mais densa, e seu caminho que liga Hod à Netzach, pelo seu caminho representar o elo entre sentimento e o pensamento que está assentado na água em Hod e tendo a boca como órgão maior e mais notório de comunicação quero fazer algumas considerações mais de ordem física. Nosso chakra laríngeo representa tanto nossa comunicação quanto nosso estado emocional, quando bem equilibrado, é facilitada a comunicação, não só com as pessoas, como, também, conosco, além, é claro, de aumentar a nossa percepção no sentido de comunicações internas. Nossa consciência é ampliada, no sentido de desenvolvermos nossa responsabilidade em relação à nossa evolução e em relação às nossas necessidades materiais e espirituais. Por reger a tireóide, ele tem a função de purificar o que recebemos, antes de emitir, ou seja, as energias são purificadas antes de serem emanadas. Fisicamente, ele rege as cordas vocais, a tireóide, a garganta, a boca, nariz e os ouvidos. Em desequilíbrio, em nível emocional, pode ocasionar dificuldade de comunicação e expressão, ansiedade, sensação de vazio, gagueira. Em nível físico: asma, vertigem, alergias, anemia, fadiga, laringite, dor de garganta, afonia, tosse, além de tendências a problemas respiratórios e de pele e na tireoide. Práticas com Mantras tem surtido excelente efeito, a dica é recitar o mantra que você gosta.

O 7º ponto é que apenas na proporção em que nossas capacidades de reação se elevam acima da Esfera dos reflexos emocionais a se colocam sob o controle racional que podemos transformá-las em poderes mágicos. Os quatro Oitos são atribuídos a Hod. Estando no mesmo plano que os Setes na Árvore da Vida, mas do outro lado, os mesmos defeitos inerentes que são encontrados nos Setes serão aplicados. O conceito da reação a da satisfação inibidas está expresso no título do Oito de Copas do Tarô, cujo nome secreto é “Sucesso Abandonado”. O

naipe de Copas do Tarô, em seu simbolismo do está sob a influência de Vênus e do elemento Água, representa os diferentes aspectos a influências do amor. O “Sucesso Abandonado”, a inibição da reação instintiva, que daria a satisfação - em outras palavras, a sublimação -, é a chave dos poderes de Hod. Mas lembremos que a sublimação não é a mesma coisa que a repressão ou a erradicação, e se aplica ao instinto de autopreservação. O mesmo conceito aparece no título secreto do Oito de Espadas, que é “O Senhor da Força Diminuída” ou “Interferência”. À primeira vista, pareceria fácil confundi-lo com as Oito Copas; mas a ideia é, na realidade, bem diferente. Este atu é atribuído a Júpiter e Gêmeos; conseqüentemente, não há peso da vontade por estresse interno ou externo. Gêmeos é um signo arejado, um signo intelectual; Júpiter é genialidade e otimismo. Isso não acontecerá no mundo das espadas; se é preciso acertar, o melhor golpe é o no-caute. Mas há outro elemento neste atu; a de interferência inesperada (os Oitos, por ser mercurial no coração, é sempre isso), pura má sorte imprevista. Temos, nessas palavras, uma clara imagem da suspensão a retenção do poder dinâmico que procuramos controlar. No Oito de Discos, que representa a natureza de Hod manifesta no plano material, temos o Senhor da Prudência - que é também uma influência restritiva porém um pouco mais positiva, esta carta é muito melhor do que as duas últimas, porque, em questões puramente materiais, especialmente aquelas relacionadas a dinheiro real, há uma certa força em não fazer absolutamente nada. Mas essas três cartas negativas se resumem sob o governo do Oito de Paus, que representa a ação da Esfera de Hod no plano espiritual, e essa carta recebe o nome de Senhor da Rapidez ou somente Rapidez, como seria de esperar de sua atribuição a Mercúrio e Sagitário. Esta é uma “éterização” da ideia de fogo; todos os elementos brutos desapareceram.

Nossa 8ª e última consideração é sobre a arma de Hod, a Taça Mágicka. A Fórmula do Cálice não é tão apropriada quanto à da Baqueta para Evocações, o Cálice é uma arma de natureza “passiva” representa pouco mais que a oração, e esta oração é “a oração do silêncio”. A Taça Mágica, deve formular o receptáculo universal, por isso o mago escolhe um número que representa o Universo e “crava” em sua taça, ela é também a flor. É o Lótus que se abre para o Sol, e recolhe o orvalho.

Este Lótus está na mão de Ísis, a Grande Mãe. É um símbolo semelhante ao da Taça na mão de Nossa Senhora Babalon.

Força e Fogo são de nós!

H418



Rafael Medeiros
@rafaelmedeiostarot
fb.com/Tramolhos

BEM VINDO(A) AO PROBACIONATO

Bem vindo ao Probacionato: vamos falar sobre ordálios?

Faze o que tu queres há de ser tudo da lei.

Caros irmãos e irmãs, me proponho a escrever um pouco sobre o período que muitos Aspirantes a Thelema tanto temem: o Probacionato.

Lembro que quando era uma mera simpatizante de Thelema, que sabia por alto do que se tratava a sua filosofia, ouvia dizer que o período do Probacionato era extremamente árduo por causa dos temerosos ordálios. Ouvia que eram poucos aqueles que conseguiam vencê-los ou simplesmente lidar com eles, que era comum que o Probacionista tivesse sua vida virada do avesso durante esse período, quiçá beirassem a insanidade. Thelema não era para qualquer um. De fato acredito mesmo que não seja.

Num belo dia, já mais familiarizada com a filosofia e a linguagem thelêmica, acabei me identificando e resolvi ingressar como Estudante dos Mistérios na Santa Ordem. O período de estudante passou rápido. Eu não tinha qualquer perspectiva de quando estaria apta à fazer o teste para ingressar definitivamente na A.'A. '., até que um dia fui surpreendida com o mesmo e tão logo com a minha recepção ao grau de Probacionista. De cara, coloquei todos aqueles temores que tanto ouvia no bolso, e assinei o juramento com a cara e a coragem, sem grandes expectativas: estava de braços e coração abertos para o que tivesse que enfrentar.

Os primeiros meses foram bem conflituosos. Havia um fantasma chamado Dispersão que teimava em me assombrar diariamente. Eu não fazia ideia de como era difícil manter disciplina. A prática do Liber Resh me fez perceber o quanto eu era desorganizada com os meus horários, e com os meus afazeres. Precisava desenvolver a força de vontade para vencer a Dispersão, e o primeiro passo seria me observar até perceber onde eu poderia ir ajustando, para aos poucos ir me disciplinando. Me conhecendo, sabia que qualquer tentativa radical de mudança, não iria trazer resultados duradouros ou mesmo sucesso nas práticas. A mudança precisaria ser natural, porém com persistência, e paciência comigo mesma.

Com o tempo, a prática do Resh foi entrando por osmose, sendo quase impossível de esquecer de fazê-lo nos horários definidos, mas acontecia. Sobre as demais práticas, conseguir um horário para fazê-las era uma tarefa difícil (e

ainda é). Haviam ciclos em que a frequência das práticas era prejudicada por determinados fatores. Tinha chegado o momento do Ego sabotador dar as mãos a Dispersão, e juntos começaram a me pregar peças. Não adiantava me revoltar, mas sim entender que o Ego iria (e irá) continuar com resistência, cabendo a mim aprender a educá-lo.

O tempo foi passando, e os ordálios, onde eles aparecem nessa trajetória?

Os ordálios iam surgindo sim, mas não daquele jeito que ouvia nos primórdios. De certo que cada um tenha uma percepção ou mesmo entendimento sobre ordálios, mas nem sempre essas concepções estão corretas. Muitos Aspirantes a Thelema confundem ordálios com problemas mundanos, uma má fase na vida, questões emocionais, amorosas, mas esquecem (ou não se ligam mesmo) que quando assinamos o juramento não foi por algo mundano, ou melhor não foi apenas o Personagem que assinou o juramento, mas sim Aquele Eu que ainda não conhecemos, então os valores ali implícitos estão além desse Plano de Discos, ou seja, são plenamente espirituais. É óbvio que toda bagagem espiritual que carregamos influencia diretamente na nossa personalidade, na maneira que encaramos a vida e nos padrões que construímos, e é dessa influência, de maneira muito tênue, que emergem os ordálios.

Bom, como eu só posso falar por mim, vou compartilhar, por alto, um pouco da minha experiência. Um dos ordálios que encarei foi relacionado a repetição de padrão: sabe aquela situação que vira e mexe retorna para nossa vida? Parece que estamos sempre atraindo aquele mesmo dilema, e estamos mesmo. Só não conseguimos perceber qual seria o gatilho que os faz retornar e é exatamente ali que está o pulo do gato. Claro que estou falando de algo totalmente pessoal, e cada um traz consigo ordálios de cunho espiritual (outras Escolas chamam até de Karma, mas não necessariamente são. Esse é um assunto meio complicado de se discutir no universo thelêmico, por diversos fatores de crenças pessoais).

Em resumo, o ato de quebrar um dos padrões que muito me incomodava (visto que carregamos muitos deles, e temos muito tempo para quebrá-los no decorrer da Árvore da Vida) aconteceu de maneira natural, não menos doloroso, mas talvez eu estivesse mais consciente que eles não mais me serviam. Era meu estado de consciência que estava sutilmente sendo modificado pelas práticas, pela tomada da consciência do ponto de vista do Sol. O sol que então começava a brilhar de maneira vivida dentro de mim, e não mais do lado de fora. Fui me reconhecendo centro de meu próprio universo, e isso me fez repelir, as vezes sem perceber, muitas das coisas que aceitava por conveniência.

Contudo, o objetivo desse relato foi apenas exemplificar um ordálio pessoal, e como passei por ele, porém além dos ordálios pessoais, existe aquele que posso

afirmar ser o 'Calcanhar de Aquiles' de todo Probacionista: a Dispersão.

Isso mesmo, o fantasma que falei lá no início. Ele está conosco o tempo inteiro: nos momentos de preguiça, desânimo, esquecimentos, naquela hora que programamos para realizar as práticas e surge aquele amigo nos chamando para tomar uma 'cerva', ou uma boa temporada no Netflix ou um bom papo em redes sociais, ou trabalho de última hora mesmo... enfim, impossível enumerar as possibilidades da influência Dele para nos desviar do treinamento.

Por outro lado, acrescento a Dispersão, não apenas relacionada às práticas, mas também aquela que faz o Aspirante se dispersar em vários segmentos da vida, tornando-se difícil focar naquilo que é realmente importante ou prioritário. A Dispersão se torna uma força imperceptível, com efeito de 'bola de neve' que prende o Aspirante no Mundo das Conchas, dificultando que seu estado de consciência se liberte e vá de encontro ao Conhecimento da Natureza do Seu Próprio Ser, que é a Grande Obra do Probacionista.

Hoje, após ter vivenciado o período do Probacionato, tenho um olhar diferente sobre os relatos temerosos que ouvia. Reconheço que não há regras, nem capacidade de dimensionar os ordálios e as dificuldades que cada Aspirante pode ou não passar. Cada um traz consigo uma bagagem espiritual, emocional e cultural, que age diretamente no seu grau de percepção, e isso dispensa comparações, precisando apenas ser observado com cautela pelo próprio Aspirante e seu respectivo instrutor.

Ao Probacionista, reconhecer que a Dispersão é seu principal ordálio, já é um grande avanço para que ele consiga prosseguir no processo probatório. Junto a isso é providencial que ele desenvolva a percepção de si mesmo, e que ele disponha de muita persistência, força de vontade, tendo em mente que a sua consciência está em Qliphot e por isso tudo é tão confuso.

Não cabe a mim discorrer sobre o grau de dificuldade do caminho de um Probacionista, mas posso afirmar que quando o Aspirante obtiver ciência dessas pequenas coisas, o ato de se conectar durante as práticas com as energias do Novo Aeon se tornará mais fácil e eficiente, e deste modo sua consciência será naturalmente deslocada para o Ponto de Vista do Sol e a Natureza do Seu Próprio Ser estará mais perto de ser descoberta.

*“Existe auxílio & esperança em outros encantamentos. Sabedoria diz: sê forte!
Então tu podes suportar mais alegria. Não sejas animal; refina tua raptura! Se
tu bebes, bebe pelas oito e noventa regras de arte; se tu amas, excede em delicade-
za; e se tu fazes o que quer que seja de alegre, que haja sutileza ali contida!*

Mas excede! Excede!”

(AL II:70 e 71)

Amor é a Lei, amor sob vontade.

Soror Ignis

ignis@abadiadethelema.com



Soror Nemo

MAGICK, THELEMA, PENSAMENTOS DIVERSOS

Dentro da prática mágica, baseado em coisas que eu mesmo vejo ao meu redor, pude verificar por diversas vezes pessoas que afirmam terem anos em determinada tradição ou sistema, mas que 90% da vivência é baseada apenas em leituras de livros, são os grandes Magos de fim de semana que realizam suas práticas apenas em função do próprio ego; digo fim de semana porque em geral realizam suas práticas apenas em dias de folga e feriados. Mas não considere esse texto como uma crítica, porque de fato não é, na verdade eu quero começar esse texto deixando um pequeno Trecho de Liber Aleph para que possamos meditar a respeito:

“Agora pois faze isto continuamente, pois através de Repetição vem tanto Força quanto Habilidade e o Efeito é cumulativo se tu não dás tempo para que ele se dissipe.”

Recentemente uma correspondente me fez uma pergunta que fiquei algum tempo pensando a respeito:

“O que é Thelema? O que Thelema tem para me proporcionar?”

Ela me disse que não queria uma resposta vaga, então busquei diversas formas para explicar, por exemplo, Thelema significa Vontade; mas ainda assim seria uma resposta vaga do assunto.

Esse tema poderia ser considerado inclusive um Tabu, como já diz Frater Q. V.I.F, “não é meu objetivo ser um foco de pestilência” (risos), mas vou deixar minha opinião a respeito através de diversos pontos de vista para que cada um chegue à sua própria conclusão. Thelemitas buscam ou seguem sua verdadeira Vontade, mas o que seria essa Verdadeira Vontade que os Thelemitas tanto falam? Bom, esse é um assunto complexo, primeiramente é necessário separar a Vontade de Desejo, pois são coisas diferentes, dentro desse mesmo assunto um outro tema surge, que é: Magia para o Desejo e Magia para a Vontade. Quando o aspirante busca uma linhagem da Santa Ordem, em geral surgem esses questionamentos, sobre Verdadeira Vontade e etc., porém devo deixar claro que a primeira preocupação do aspirante deve ser em se tornar probacionista, depois que ele se torna probacionista ele deve se preocupar em saber qual é a verdadeira natureza dos poderes do seu próprio ser, não adianta pensar em Verdadeira Vontade antes disso. A Verdadeira Vontade não está ligada a coisas objetivas, e o começo dessa descoberta começa com a educação do Ego, só com a educação do Ego chegamos lá.

É costumeiro que no início de caminhada estejamos sempre animados, lemos todos os livros que pudermos e mantemos uma prática assídua e constante nas primeiras semanas, mas depois de alguns dias em geral toda aquela energia se esvai, quando chegam os horários da prática o sono ou um cansaço toma conta do corpo, de repente surgem outras coisas para fazer e tomamos aquilo como prioridade, então surgem aquelas palavras em mente: “Vou fazer amanhã, hoje tenho que resolver esse problema aqui”. Quando essa voz surgir, ignore; pois o ego busca de todas as formas o fazer desviar do caminho, ele vai se disfarçar de sono, cansaço, fadiga e as vezes até mesmo dor, tudo isso para nos fazer nos desviarmos do caminho da disciplina.

Dentro de todo esse texto praticamente aleatório dito acima, a resposta que posso dar é que Thelema nos proporciona muitas coisas desde que haja um esforço do aspirante em buscar equilíbrio dentro de si, equilibrar as forças elementais e saber lidar com os próprios condicionamentos, esse equilíbrio é adquirido através de rituais, como por exemplo o Ritual Menor do Pentagrama, que muitos acreditam ser apenas um ritual simples de Banimento ou Invocação, mas esse ritual é apenas um exemplo das muitas formas de equilibrar a si mesmo.

Mas invocar o quê? Banir o quê?

Sabemos que existem 4 elementos (não vou citar o quinto) e em geral o pentagrama utilizado no RmP é o Pentagrama da Terra, porém podemos por exemplo, quando a mente está distraída demais, banimos com pentagramas do Ar, quando estamos tristes demais podemos banir com a Água, afinal é o elemento da Emoção, sentimentos e etc., quando a raiva surge podemos banir o fogo, o resto é só pensar um pouquinho e encontramos as mais diversas possibilidades de usar esse ritual que aparentemente parece ser uma coisa “boba”; já experimentou mudar as cores dos pentagramas? Tudo isso pode ser observado nesse ritual que embora seja simples, é muito útil, mas toda mudança deve ser feita com sabedoria.

Existem diferentes visões sobre o que é Thelema, nunca iremos encontrar Thelemistas que pensam igual ao outro ou que possuem os mesmos conhecimentos, todos nós, embora tenhamos pensamentos diferentes e por muitas vezes opiniões diferentes, transmitimos sem sombra de dúvidas a mesma mensagem, o mesmo objetivo, que é: Faze o que tu queres.

Magia para o desejo e Magia para a Vontade não é algo tão complexo de explicar, é dito por Aleister Crowley no Liber Aba:

“Daí, portanto, querer qualquer coisa que não seja a coisa suprema é desviar-se mais ainda dela – qualquer vontade que não seja a de entregar-se ao BEM AMADO É MAGIA NEGRA.”

A resposta está clara, depois de algumas conversas com irmãos de linhagem, o que podemos deduzir disso é que o Negro é a ausência de cor, o branco seria a união de todas as cores, o que colore nossas práticas Magickas é a Vontade, a Vontade de conhecer Adonai, de entregar-se ao bem amado(a), porém mais uma questão surge: “Realizar uma magia em função do ego é Magia Negra?” Mais uma vez insisto em dizer que depende do Ponto de vista. Não é errado usar um ritual para cura do corpo, afinal precisamos dele de uma forma ou de outra, caso contrário não existe prática eficaz, porque só teoria não basta; não é errado usar Magick para conseguir dinheiro, afinal precisamos dele nos dias atuais. Minha dica ao invés de afirmar o que é certo ou o que é errado em uma prática mágicka, é o que devemos sempre ter em mente toda vez que formos usar uma magia para o Desejo: “Que todo ato seja um ato de Vontade, que seja para a Grande Obra, minha saúde é necessária para realizar a Grande obra! O dinheiro que tenho será para pagar minhas contas, eu sei, mas que essa paz proporcionada pelas contas pagas me ajudam a me concentrar mais em meus rituais e meditações, tudo para a Grande Obra”, e quando você perceber, verá que até mesmo a Magia para o Desejo pode ser “colorida”.

Amor é a Lei Amor sob Vontade.

PAN 156

O encontro dos triângulos

É possível encontrar o Divino
Andando por qualquer caminho
Basta um caminhar consciente
Tendo sempre o destino em mente

Sempre que as pedras surgirem
Sorria com inocência
A dor, a falha e também gargalhada
Aproveite a experiência

Pois quando tu caminhas, mesmo vacilando
Entre as trevas do medo e a vontade do fogo
Tu se ergue como a fênix, brilhante como o ouro

Por qualquer caminho, caminhado com paixão
Paixão pelo divino, que és tu mesmo, chama do coração
Tu encontrará o inimigo do corcunda, a resposta da questão

Autor: Frater Animum Vincit

REGRAS SUFI PT2

Continuando o assunto do último texto, continuarei explorando os segredos ou regras da ordem Naqshbandi. Esta série é uma demonstração solta tentando comparar duas linhas de filosofia esotérico, de um lado o grupo sufi Naqshbandi e do outro Thelema.

Sem mais delongas vamos lá:

2-Nazar Ba Kadam - Observar os passos

“Observar seus Passos” significa estar atento as ocasiões e oportunidades de ação e inação, ação sendo quando você deve fazer algo positivo - um movimento, exercício ou leitura que sejam positivos e úteis. Inação significa pausa ou parada. Pausa, parada ou paciência pode, ser igualmente uteis. Dizer que é melhor fazer algo do que não fazer nada não é sempre correto. Há momentos quando a inação positiva é valiosa. Se você tenta a energia quando o momento não é o correto, você tem frustração e confusão. A Ação correta no momento correto é o segredo, Se você está observando seus passos, estará mais perto de fazer isso.

Sad ud-din Kashghari acrescentou: “Vigiar teus passos significa que quando o buscador espiritual se movimenta de um lado para outro, deve ficar atento aonde a ponta do pé está pisando, sem se distrair com o que não deve olhar.”

Faqr ud-Din Kashifi disse: “Nazar bar qadam refere-se à forma que o peregrino caminha através das etapas de desapego da sua existência, e de abandono do seu egoísmo e amor-próprio.”

Então nós podemos observar que o Princípio Naqshbandi de “Observar os passos” significa resguardar sua jornada espiritual das pegadas de Shaitan, e fazer pelas pegadas do Shaykh que segue as pegadas de seu sucessor que por sua vez segue as pegadas do Profeta (alaihisswalathu wa salam).

Observar os passos tem algumas camadas de interpretação, uma delas fala do auto-observar constante. E ao longo do dia perceber evitar reagir e descobrir quando é para agir e não agir, o Omar ali shah, introduz uma 3a opção que é a inação. Sendo assim: ao observar o momento presente, penso: Devo agir a partir disso, devo dar uma pausa e deixar o fluxo das coisas ocorrerem, ou devo ficar alheio ao que me pedem. E após escolha, observar como o mundo reage à sua ação.

Outra camada de interpretação é observar a ação enquanto se faz a ação, saí-

mos da esfera do “porque” agir assim e nos focamos no “como eu ajo”. E quando vamos incorporamos o segredo em nossas vidas temos um momento de autoco-nhecimento.

Para um pessoal mais muçulmano seria se manter dentro da moralidade e prá-ticas da tradição, para não se desviar. Uma metáfora sobre isso é que um passo fora do local correto, afeta o destino, e mesmo poucos passos fora de lugar vc pode ao longo do trajeto chegar um um destino completamente diferente do que o esperado.

Um paralelo que vejo no caminho thelêmico é a prática do yama e niyama, e ela casa nas 3 linhas de pensamento:

Ao observar o que se Quer(yama) e auto analisar cada instante, conseguimos escutar pra onde a Vontade quer ir, ou seja: confrontado com uma decisão, ao invés de agir automaticamente, usando Nazar ba Kadam, perguntaríamos: “Para andar harmoniosamente com a minha Verdadeira Vontade, como devo agir nessa situação”.

Sobre a Ação, não-ação e inação o mesmo ocorre. Como no exemplo acima, em um momento de decisão entre o agir, não agir e pausa, poderia ser lido como “Se eu agir estarei, seguindo minha VV e se eu não agir, e se eu esperar pra saber”. Claro que no início se é mais interessante o processo do que resultado, e testar sem comprometer com a finalidade é necessário. Ou quem sabe, poderíamos dizer que justamente testar a regra é o momento que se Quer. Aos poucos a regra sendo assimilada cria-se um repertório de si para si.

Na última leitura consigo fazer um paralelo com o trabalho do Instrutor e ins-truído na AA, o instruído segue os passos do instrutor pois o instrutor conhece o caminho, e quando se desvia do caminho, eventualmente no futuro será neces-sário correções por vezes demoradas e complicadas. A grande diferença é que pro muçulmano o caminho correto é ser muçulmano. Ponto. E dentro do Siste-ma da AA há uma liberdade maior de opções para se chegar no SAG.

3-Safar dar Watan - Viajar na Terra natal

“Neste caso, Watan ou “terra natal” significa dentro da própria pessoa. Isto é distinto de viajar “fora” de si mesmo com o objetivo de aprender, fazer contatos ou visitar lugares para experienciar Baraka. Viajar na Terra Natal significa obser-var-se a si mesmo de uma maneira desapegada, tranquila, não-crítica - suave-mente crítica, não auto-acusadora - e aprender com os próprios erros.

No Rashahat-i ‘ayn al-haya, diz: “[A viagem se refere a] jornada que o buscador espiritual faz dentro de sua própria natureza humana. Em outras palavras, ele ou ela vai de qualidades humanas para qualidades angelicais, mudando o questioná-vel para o louvável”.

Este Hadith é narrado sob a autoridade de Amirul Mu’minin, Umar bin al-Khat-tab (ra) de Abu Hafs, que disse: Ouvi o Mensageiro de Allah (ﷺ) dizer: “As ações são (julgadas) por motivos (niyyah), então cada homem terá o que ele pretendia. As-

sim, aquele cuja migração (hijrah) foi para Allah e Seu Mensageiro, sua migração é para Allah e Seu Mensageiro; mas aquele cuja migração era para alguma coisa mundana que ele pudesse ganhar, ou para uma esposa com quem ele poderia se casar, sua migração é para aquela pela qual ele migrou ”.

A Jornada requer “intenção correta e sincera” (Niyyah), a intenção que é selada antes de começar a jornada, que nunca é reescrita uma vez que a jornada é iniciada! Se a “Intenção” não for selada e oculta do ego antes de viajar, o ego tenta corromper o “Niyyah” entre a Jornada, então o ego assume a liderança no coração e você será enganado pelo seu ego, e sua vontade consciente continue a pensar que você ainda está sob a orientação do seu Shaykh ”. Então, “Observar os Passos” é muito necessário na “Jornada para a Terra natal”

Quando uma pessoa aceita (fez Baya/Iniciação) seguir um Sheikh, então sua jornada interna começa. E só então a jornada para a presença divina também começa. Os “meios” (Waseela) dessa jornada é a trinca Murid, o Shaykh e o Caminho Espiritual (Tariqah/Tradição). A conduta e as maneiras do buscador devem estar de acordo com as ordens do Guia Espiritual. Ele deveria renunciar a todos os desejos pecaminosos e seguir seu próprio coração em busca da iluminação!

No mundo exotérico muçulmano Safar dar Watan é em geral visto como uma peregrinação mesmo. Uma viagem ou para Meca ou num dos caminhos espirituais como por exemplo o de Compostela, pro sufi ele tem uma carga esotérica que é a busca ao centro de si.

Pros sufis é uma viagem pra dentro, para as memórias, e observar calmamente o que aconteceu, e pensando na lembrança como um bilhete de passagem, o observador entra nesta viagem, reparando não só nos fatos como também em tudo em volta, observa a si como agente da lembrança, observa como receptor da lembrança, Tirando uma história de auto- conhecimento. É bom lembrar que nem todas as viagens são boas, mas nem por isso se fica com medo de recordá-las. Muitas vezes as memórias não são exatamente iguais ao que foi o real fato, porém nunca percebi nesse trabalho que isso fosse um grande entrave, o que importa é a viagem e ter como bússola o coração.

Esta regra é um complicada de achar um análogo na magia ocidental e creio que aqui exista uma separação de técnica mesmo, enquanto os Naqsbandi usam a memória como gatilho e a auto observação como parte da análise, o caminho ocidental se utiliza de outras ferramentas ou seja não é como o diário mágico, a informação precisa não é tão relevante para eles como pra nós, também não é uma viagem astral pois a sensação não é a mesma. O que experienciei é uma sensação parecida com o livro o Dia do Coringa. Há vc na sua memória, há aquele que se observa na memória, e há vc lembrando a memória e há vc observando o lembrar da memória.

4- Khilwat dar Anjuman - Retiro em companhia

“Khilwat dar Anjuman: a capacidade de se distanciar de uma situação que pode ser barulhenta, perturbadora, confusa e frenética. A pessoa deve ser capaz de se isolar em si mesma por curto período de tempo. Isto não significa se desligar de tudo que esteja acontecendo, significa a capacidade de se distanciar da tensão e perturbação ao usar um dhkr por um curto período: o distanciamento é qualitativo e não quantitativo. Pode ser usado como defesa pela pessoa ou com a ajuda do Mestre.”

“O recolhimento da multidão é quando o estado de absorção na lembrança de Deus é tão constante e completo que alguém poderia andar pelo mercado sem ouvir uma única palavra.”

Algumas pessoas podem encontrar um lugar para se isolarem, mas infelizmente seus corações acabam se afeiçoando por este lugar isolado.

Esta regra tem algumas leituras também, Desde a versão mais clássica: “passe um tempo só e depois volte a viver em sociedade” quanto: “renuncie a tudo que é material”. E muitos sufis seguem por esse caminho.

Outra forma que esta regra é utilizada é conforme o nome diz, no meio da multidão eu estou separado da mesma. E essa distância entre o mundo e o indivíduo, potencializado através de preces contínuas, permite interagir com o mundo de uma outra forma, mais livre e autônoma. Outros Sheikh dirão que a lembrança constante do sagrado é o que faz o truque, e assim o observador trafega na realidade com olhares mais sagrados.

Essa regra não diz para não interagir com os outros nem parar de reagir em si, mas sim interagir por um outro olhar, não tão vinculado com as expectativas que se tem do mundo, com um filtro a mais durante as trocas sociais.

Esta regra é também lembrada nas relações sociais entre irmãos de fé, pois se todos tem essa mesma regra interiorizada, diversos atritos sociais desaparecem automaticamente.

Em thelema há um outro caminho, que os sufis que conheci provavelmente catalogariam como algo satânico. Crowley coloca que o ideal é abraçar o mundo,

“A prostituta é uma imagem da Mudança e o abraço de todas as coisas sem distinção, e a mulher casta é uma imagem da Estagnação e da separação de todas as coisas. A mulher casta é também, portanto, uma imagem do ego que se recusa a desistir de sua pretensão de ser o “Rei da Montanha” (o Eu Verdadeiro é o legítimo “Rei” e o ego seu ministro, mas o ego insiste em reivindicar esse título.)”

Estas opiniões parecem opostas, por um lado o isolamento do outro um abraço ao mundo material mas se olharmos o destino final das duas filosofias, iremos

encontrar um ponto em comum,

Se para o Sufi, “Eu tenho um rosto, uma face olha para Allah, a outra para a criação”, para o thelemita ““A verdade do universo é deleite” (vision and the voice), e “A ‘companhia do céu’ é a humanidade, e seu ‘desvelamento’ é a afirmação da divindade independente de todo homem e toda mulher!” (A lei é para todos) Então acredito que mesmo por vias diferentes, ambos irão contemplar o mundo com bons plenitude.

Após essas 3 regras é possível começar a perceber onde que os caminhos começam a se separar e fica mais claro que para Therion a relação de quebra e renovação é ferramenta fundamental enquanto que para os místicos orientais a mudança é lenta em constante.

Bibliografia

<https://coracaosufi.com.br/principios-da-ordem-naqshbandhi-3-de-11/>
<https://naqshabandi.org/2014/12/01/naqshbandi-principlespiritual-journey-safar-dar-watan/>
<http://shaykhnazimdergahnelsonuk.com/the-journey-home.php>

Cometario djarensis

AlHudhud

DISCIPLINA E LIBERDADE

Uma leitura das oito palestras sobre yoga. (Parte I)

“7.Eu vos darei uma máquina de guerra”
Liber Al Vel Legis. Cap III

Dos primórdios:

O ano é 1922, na região do Vale dos Reis, Howard Carter penetra no intacto túmulo de Tutakâmon e seus tesouros. A exuberância daquela descoberta acaba por ofuscar uma interessante “coincidência” (em especial para nós) – Sir John Marshal, a 400km ao norte de Karachi, inicia a escavação de uma das maiores metrópoles do mundo – Mohenjo-Daro. A cidade de cerca de dez milhões de metros quadrados, desaparecidos a 35 séculos, aflora.

Mas a ausência de construções tão suntuosas como as encontradas na civilização egípcia acaba por fomentar um mito – o mito da invasão Ariana e os ‘selvagens’ indianos. Mohenjo-Daro porém trazia um outro tipo de arquitetura – não era uma região dominada por nenhum regime teocrático hierárquico, muito menos uma civilização bélica. O que verificava-se era a ausência de grandes templos nas cidades. Não se tratava porém de uma civilização sem alguma forma de religiosidade, visto que a presença de altares eram encontrados em quase todas as casas. O culto era o à Deusa Mãe (Aeon de Isis).

O culto não era centralizado em grandes edifícios religiosos, difundia-se por toda cidade (...) S. R. Rao acrescenta: ‘Inúmeras estatuetas provenientes do império indiano evocam posturas de yoga. Aparentemente, eles praticavam yoga e tinham desenvolvido a ciência da disciplina mental e física num grau muito elevado. Até seus deuses são representados em atitude meditativa. Uma das maiores contribuições da civilização do Indo seria a ciência da yoga. (Lysebeth, p. 20).

Sir John Marshal, citado por Eliade, descreve o encontro com essas primeiras imagens: “O Deus, que tem três faces, senta-se sobre um trono indiano baixo em atitude característica de yoga com as pernas cruzadas, calcanhar contra calcanhar e artelhos para baixo” (Eliade, pg 292). Essas imagens datam do período entre 2000 -2500 a.c.

Início assim, por que buscarei aqui trazer uma leitura – absolutamente pessoal – do por que da escolha da Raja yoga como sistema de treino para o iniciado. Faço essa leitura a partir dos meus referenciais yogicos e da leitura das oito pa-

lestras sobre yoga de Mahātmā Guru Śrī Paramāhansa Śivājī.

Quando falamos em yoga, estou com Eliade quando ele diz que:

Yoga foi integrado e valorizado por todos os movimentos religiosos, tanto hinduístas como heréticos. (...) o yoga acabou por absorver e integrar toda espécie de técnicas espirituais e místicas, das mais elementares às mais complexas. O nome genérico yogin indica tanto santos e místicos, como magos, orgíasticos, faquires e feiticeiros vulgares. Cada um desses tipos de comportamento mágico-religioso corresponde à uma forma determinada de yoga (Eliade, p. 295).

Compreendo que o que Mestre Therion fez em suas oito palestras sobre yoga foi limpar esse conhecimento de todo véu incenso-guru-ascese que vigora e escamoteia a ciência yogica de seus princípios básicos. Yoga é união. E irei me explicar em por que insisto nesse ponto da origem. Crowley escolhe uma forma específica da ciência yogica para aplicar ao treinamento mágicko – A Raja yoga. E isso tem um sentido ao meu ver.

Tradicionalmente é dito que existem vinte duas formas de yoga (da Hatha yoga das belas posturas até a Traatik yoga e sua disciplina do foco do olhar). E não levo em consideração aqui todas as new age yogas (sauna yoga, naked yoga, yoga modelete nas montanhas do instagram, ou yoga para machos). Essa divisão em que eu me baseio é a divisão mais clássica dos 6 ramos (Bhakti, Shakti, Raja, Sahej, Gyan -ou Jnana- e Karma yoga) – que se subdividem em vinte e duas formas de prática. E, ainda que encontremos tantas formas diferentes de prática, o objetivo de todas elas é o mesmo – a prática da união. A questão do ‘unir-se a quê?’ não vem ao caso aqui. Chamem como quiserem – Deus, Eu Superior, Consciência, Infinito, SAG, Self – isso não importa para nós nesse momento. Simplesmente sigamos o axioma proposto por Crowley: “yoga é união”.

Mas o que é a Raja Yoga? Por que o Estudante dos Mistérios precisa ler o Swami Vivekananda? E por que essa é a forma escolhida de treinamento para o Probacionista da AA (com as práticas do Liber E)?

A yoga dos Reis.

“23.Mas quem disso tirar proveito, que seja chefe de tudo!” (Liber Al Vel Legis, cap. 1)

Raj – significa Rei. Raja Yoga: Yoga dos Reis. Meu professor de yoga – Siri Singh Sahib Yogi Bhajan – Mahan tântrico da Raja Yoga – dizia que a Raja Yoga é perigosa. Muito perigosa. Não por conta de toda baboseira que se sua kundalini subir você irá enlouquecer, mas o perigo da Raja Yoga é que com ela: “você caminha em sua Identidade Real, sua presença irá atuar, e você nunca mais abaixará a cabeça para mais ninguém. Esse é o perigo. É o fim da obediência. É o caminho do Rei. Não é o caminho do escravo”. E continua:

Assim como um rei está no trono e todas as coisas acontecem ao seu redor para legalizar suas ordens, você se torna tranquilo, a mínima vontade do rei é percebida pela corte e realizada, frequentemente sem uma ordem explícita. Neste momento você e o universo não estão separados. Há uma resposta imediata e sutil para sua vontade.

(Bhajan, p. 34)

Raja Yoga é a ciência yoguica em sua forma mais “pura”, menos “contaminada” pelo hinduísmo. Inicialmente ela era só yoga. Porém ganhou esse prefixo após a invasão ariana ao vale do Indo, com a separação da sociedade em castas, se tornando a forma mais secreta das vinte duas práticas. Como diz Vivekananda “assim, a Yoga caiu nas mãos de algumas pessoas que fizeram dela um segredo, ao invés de deixá-la sob o esplendor da luz do dia e da razão, com o único propósito de conservar si todos os poderes.” (pg. 10). Devemos portanto assumir a atitude de rejeitar qualquer obscurantismo. Trata-se de um sistema portanto de experiência e não de fé.

Como vimos acima, a Raja yoga busca treinar a vontade do praticante. Não se trata da imagem de posturas bonitas ao pôr do sol, ou a ideia do yogi swami das florestas, nu com o corpo coberto de cinzas. Esse não é o sistema da Raja Yoga. Raja yoga é o yoga dos Reis, não o yoga das montanhas.

24. Contemplai! estes são mistérios graves; pois também dos meus amigos que são eremitas. Mas não penseis em encontrá-los na floresta ou nas montanhas; mas em camas de púrpura, acariciados por bestas magníficas de mulheres com grandes membros, e fogo e luz em seus olhos, e massas de cabelos flamejantes em torno delas; ali os encontrareis. Vós os vereis no governo, em exércitos vitoriosos, em todo o jubilo um milhão de vezes maior que este.(...) 49. Sou único & conquistador. Não sou dos escravos que perecem. (Liber Al vel Legis, cap 2)

Portanto, ainda que segundo Eliade (p. 295) “a yoga constitui uma dimensão específica do espírito indiano” – a Raja Yoga busca ultrapassar esses limites, sendo uma prática que busca a universalidade, não se filiando a nenhuma forma de credo ou religião. E essa é minha primeira hipótese do porquê da escolha do sistema da Raja Yoga como base de treinamento da vontade do praticante.

Dessa forma, discordo do que Dion Fortune sustenta no primeiro capítulo do Cabala Mística – que o sistema yogico é inadequado ao Ocidental. A visão de Fortune ainda é da yoga baseada no sistema Guru-Chêla, do praticante que precisa se retirar da vida, que busca a morte de tudo. Esse não é o sistema da Raja Yoga. Se há a busca de alguma forma de morte (Mukta - liberação), na Raja Yoga essa forma é chamada de Jiwan-Mukta; a morte em vida; ou a morte iniciática. Ponto que eu pretendo voltar depois.

21. (...)Não pense, ó rei, sobre aquela mentira: que Deves Morrer: verdadeiramente não irás morrer, mas viver. Agora, que seja compreendido se o corpo do Rei se dissolve,

ele permanecerá em puro êxtase para sempre. (Liber Al Vel Legis, Cap 2)

O próprio Crowley, na Primeira Palestra: Princípios básicos das Oito Palestras sobre yoga diz:

“Todos os fenômenos dos quais estamos conscientes ocorrem em nossas próprias mentes e, portanto, a única coisa que temos que observar é a mente; o que é uma quantidade mais constante sobre todas as espécies da humanidade do que geralmente se supõe. O que parecem ser diferenças radicais, irreconciliáveis através da argumentação, são geralmente encontradas devido à obstinação do hábito produzido por gerações de treinamento sectário sistemático.”

Disciplinar a mente:

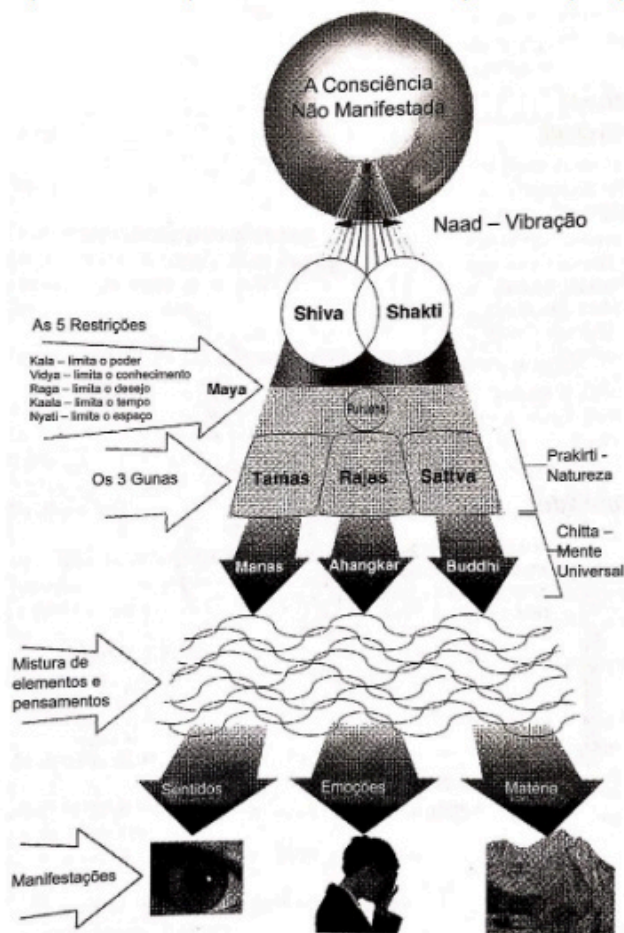
“29. Pois sou dividida pelo bem do amor, pela chance da união.

30 Esta é criação do mundo, que a dor da divisão é como nada, e o júbilo da dissolução tudo” (Liber Al Vel Legis, cap. 1)

Yoga é o domínio de si mesmo. E não há domínio sobre o mundo, ou a realidade, se não houver domínio sobre si. Yoga é uma disciplina da vontade. Seu instrumento é a mente. A mente observando a mente. Asanas, pranayamas, Niyamas e Yamas só fazem sentido se abordados à partir desta perspectiva.

É o que Raja-Yoga propõe-se ensinar; o escopo de seus ensinamentos é mostrar-nos como concentrar nossa mente; depois, como descobrir lhe os últimos recessos; depois, como generalizarmos seus conteúdos e formar, a partir deles, nossas próprias conclusões. Não nos pergunta qual o nosso credo – se somos deístas, ateus, cristãos, judeus, budistas. Somos seres humanos: basta. (Vivekananda, p.9)

Vamos então compreender um pouco mais da mente à partir da perspectiva yogica.



Imagem¹

Não irei aqui trabalhar toda estrutura de formação da mente. Deixemos isso para outro momento, caso seja de interesse. O que nos importa aqui é como os três gunas geram três manifestações em Chitta, que formam três manifestações da mente: as três mentes funcionais: a mente negativa, positiva e a mente neutra, gerando oitenta e uma facetas da mente. Vamos aqui fazer um esforço de compreensão das três mentes funcionais, já que elas são o dado mais imediato da experiência.

A mente segue três características básicas. A vontade, e seu instrumento - a concentração, irão buscar subverter essas três leis. Essas características são:

1. A mente tem seu funcionamento automático (não é você quem pensa, é sua mente quem pensa). O treino yogico irá subverter esse funcionamento, gerando o que os neurocientistas hoje chamam de metacognição - ou seja, usar a mente para observar a mente. Direcionar um aspecto da mente para observar seu próprio funcionamento à partir da ação da concentração.

1 Imagem: The Mind, It's projections and multiple facets. Yogi Bhajan e Gurucharan Singh Khalsa. P. 122

2. A segunda característica da mente é: ela está sempre em movimento. Ela não 'para' de funcionar! Esqueçam a ideia de parar a mente. Isso é impossível. Por que a mente não é um fenômeno local. Como um Oceano, você sente as ondas geradas a distâncias as vezes absolutamente imensas. Novamente o treino yogi-co é surfar as ondas, ao invés de deixar elas te guiarem.

3. A mente funciona com base em contrastes. O yogi é aquele que consegue ir além das polaridades, em direção a mente neutra. Já que qualificar como bom ou mau, prazer ou desprazer, é da natureza polarizada da mente, o yogi vai em direção à experiência real, cru, neutra. E a partir desse lugar ele encontra liberdade de escolha.

De acordo com a Raja Yoga, essas três características regem as três mentes funcionais; a saber: a mente negativa, que é a mente mais primitiva, a mente mais antiga, pois é a mente de defesa. Sua função é investigar em cada pensamento a natureza potencialmente perigosa ao ego. É a mente que busca nos proteger da dor e do desconforto. Que foge à tudo que pode desorganizar ou destruir.

A mente positiva é a mente que procura prazer, possibilidade de expansão e ampliação de si mesma. É a mente que se dirige ao desconhecido sem medo. É ativa, assume riscos.

As mentes positiva e negativa são chamadas também de mentes polarizadas. Pois são elas que dão qualidade ao pensamento:

Vamos considerar um pedaço de queijo. Dizemos que ele tem certas qualidades, forma, estrutura, cor, solidez, peso, sabor, cheiro, consistência e o tudo mais; mas a investigação mostrou que isso tudo é ilusório. Onde estão essas qualidades? Não estão no queijo, pois observadores diferentes o descrevem de maneiras bem diferentes. Não estão em nós mesmos, porque não as percebemos na ausência do queijo. T das as "coisas materiais", todas as impressões, são fantasmas. (Crowley, Primeira Palestra)

A mente neutra, também conhecida como mente meditativa, mente yoguica ou búdica, é a mente que avalia a mente sem qualidades. É a mente que avalia a experiência sem preocupar-se com memórias de dor ou prazer. É a mente que verdadeiramente faz escolhas livres – pois não condicionadas à experiência prévia. É a única mente que coloca o sujeito em relação direta com o objeto observado.

A mente neutra é portanto a única que permite o objetivo do yoga ser alcançado; pois segundo Master Therion: "Yoga é antes de mais nada a união do sujeito e do objeto da consciência: do observador com a coisa observada." (primeira palestra).

Seja qual for a mente em questão, o treino é o exercício da vontade. Por que é somente a vontade que pode agir no ciclo do intelecto, prevenindo que as oitenta

e uma facetas da mente entrem em ação, mascarando e distorcendo o intelecto à partir dos filtros inconscientes de cada um (crenças, desejos, traumas...). Porém como treinar a mente à partir da mente? Os oito ramos descritos por Patanjali destinam-se a nos dar instrumentos que direcionam a concentração para cada

Mente Funcional	Característica	Objetivo	Treino
Mente Negativa	Reativa	Foge da dor	Yamas - Controle do elemento terra (hábitos). Niyamas - controle do elemento água (impulsos emocionais).
Mente Positiva	Ativa	Busca prazer	Asana - Controle do elemento fogo (impulso ao agir) pela contenção da ação. Pranayama - Controle do elemento ar (sensibilidade e sentimentos) pelo contenção da respiração.
Mente Neutra	Analítica	Julga sem qualidades	Pratyahara, dharana, dhyana e Samadhi - manipulação do éter.

aspecto da mente¹. É um treino da vontade aplicada:

Os oito ramos de treino de Patanjali visam a construção e o domínio da mente. A Raja yoga visa que o sujeito encontre liberdade para escolha, que ele caminhe em direção a operar com a mente neutra. Assim, e somente assim, livre dos condicionamentos prévios, o Rei pode exercer sua Vontade (agora sim com V maiúsculo):

“44. Pois a vontade pura, sem abrandamento de propósito, livre da luxúria de resultado, é perfeita de todos os modos.” (Liber Al Vel Legis, cap. 1).

Jiwan Mukta- A morte iniciática.

“67. Resiste! Resiste! Aguenta teu arrebatamento; não caias no desfalecimento dos beijos excelentes! 68. Mais firme! Aguenta-te! Levanta tua cabeça! não respires tão profundamente - morre!” (Liber Al Vel Legis, Cap. 3)

Antes de encerrar, gostaria de mencionar algumas palavras sobre a busca da morte, a anulação tão comentada e associada aos yogis. Se há alguma busca da morte do ponto de vista yogico, busca do zero, não se trata de buscar simplesmente morrer. Para isso bastaria se matar. A palavra Mukta significa morte, mas significa liberação. Jiwan é vida. O yogi é aquele que busca liberdade em vida. Liberdade do que? Dos condicionamentos da realidade, das imposições advindas das histórias de vida, liberação dos elementos (tattvas) das construções das mentes polarizadas. Essa morte é uma morte iniciática!

¹ (A ideia é que no próximo texto possamos destrinchar as mentes polarizadas e como funciona o treino dela e finalmente no último texto da série possamos aprofundar na manipulação da realidade pela mente neutra. Se vocês acharem adequado!)

“A necessidade pelo Yoga é tão amarga que nos cega. Somos constantemente tentados a ver e ouvir aquilo que queremos ver e ouvir². Portanto, cabe a nós, se desejamos realizar o Yoga universal e final com o Absoluto, dominar todos os elementos do nosso ser, protegê-lo contra toda guerra interna e externa, intensificar todas as faculdades ao máximo, nos treinarmos em conhecimento e poder ao máximo; de modo que, no momento apropriado, possamos estar em perfeitas condições para nos atirmos ao forno de êxtase que arde do abismo da aniquilação. (Crowley, Primeira Palestra).”

“O yogin constrói um corpo novo, da mesma forma que o neófito nas iniciações.” diz Eliade (p. 297). É a morte de toda concepção prévia sobre si mesmo, sobre o que é bom ou ruim para si. É a liberação da vontade em direção à Vontade.

Finalizo com uma citação de Eliade, que ao meu ver resume bem a necessidade da prática da yoga para o iniciado:

O renascimento iniciático traduz-se para yoga na obtenção da imortalidade ou da liberdade absoluta. É na própria estrutura desse estado paradoxal – situado além da existência profana – que se deve buscar a explicação da coexistência da magia e da mística no yoga: tudo está em função do sentido que se dá a liberdade. (Eliade, p. 298).

93!

Frater Shem Hor

Bibliografia:

- Bhajan, Yogi; Singh Khalsa, Gurucharan. A mente: suas projeções e múltiplas facetas. São Paulo: Editora Gobinde. 2011.
- Crowley, Aleister. Liber Al Vel Legis. São Paulo: Editora Campos. 2017.
- Crowley, Aleister. Oito Palestras sobre yoga.
- Eliade, Mircea.: Yoga – imortalidade e liberdade. São Paulo: Editora Palas Athena. 5ª edição. 2012.
- Fortune, Dion.: A Cabala Mística. São Paulo: Editora Pensamento. 1985.
- Lysebeth, André Van.: Tantra – o culto da feminilidade: outra visão da vida e do sexo. São Paulo: Summus Editorial. 3ª edição. 1994.
- Vivekananda, Swami.: Raja Yoga: The path of self knowledge. New York: Discovery Publisher. 2015.
- Zimmer, Henrich.: Filosofias da Índia. São Paulo: Editora Palas Athena. 5ª edição. 2012.

2 N.A.: As mentes polarizadas!

A TRISTEZA É BELA

Quando tudo o que eu sentia era tristeza
Isso moldou meu coração
Em um mar tão profundo
Tão cheio de emoções
Incapaz de transbordar
Por que sempre cabe mais

Não sou eu quem fala
Através dessa oração
Ela ganha vida própria
Através da minha mão

E ninguém precisa de fato ler
Pra eu saber que ela existe
Exibo sempre a felicidade
Pra mim eu guardo o lado triste

Essa beleza que a mim pertence
Me faz ser sempre mais forte
É como se a dor revelasse meu verdadeiro norte
É como se não restasse uma palavra pra me consolar
Só me consola ver a magia
Da dor me transformar

A roda gira mais uma vez
Agora estou do outro lado
Vendo meu barco triste
Em direção ao céu, alado.

A felicidade insiste
Em querer aparecer
Me entrego a ela sabendo
Que retorno ao anoitecer

As estrelas sempre estiveram lá
Eu nunca deixei de ver
Mesmo com lágrimas nos olhos
Eu não podia me esquecer

Esse brilho prateado
Que enfeita o meu ser
Sempre a lua e as estrelas
Que completam meu viver.

Giorgia Inaiá Dalavechia

ÀS CRIANÇAS CHORONAS DO NOVO AEON

Faze o que tu queres será o todo da Lei.

Não tem sido incomum observar o uso indevido e malicioso das leis em todas as suas esferas de aplicação; e a imparcialidade desejada como reza a teoria do trabalho jurídico é uma das artes mais delicadas justamente pelo aparato legal se basear, idealmente e não exclusivamente, em questionamentos filosóficos e na experiência histórica da humanidade. De maneira geral corpos legais buscam abranger e reger as relações das pessoas entre si, entre grupos e a relação destes com o meio ambiente e servem para que seja possível a convivência saudável e produtiva entre partes interessadas ou atuantes sobre um mesmo objeto ou espaço. Assim sendo, qualquer pessoa, empresa, grupo ou nação que cometam atos que interfiram no equilíbrio da convivência social estão sujeitos a penalidades variadas.

De fato, o assunto é demasiadamente profundo: somos condicionados a compreender a realidade de acordo com nossas experiências, portanto o mecanismo legal não atende a todas as demandas, como é o caso da legalidade ou ilegalidade do aborto ou do consumo de psicotrópicos. Sabemos também que a necessária sutileza intelectual para a feitura e o trato desses regulamentos muitas vezes não é alcançada e em muitos casos suas premissas partem de mentes tacanhas que colaboram apenas para manter grilhões reducionistas da capacidade humana.

Ao nos depararmos com informações jornalísticas que menos ou mais apresentam panoramas locais e internacionais, podemos facilmente constatar que vivemos em meio a uma epidemia que assola as bases legais da sociedade cujos sintomas, entre vários, são ausência de erudição e incapacidade de considerar a realidade enquanto conceito multifacetado. Mas esse é um dos lados de um problema maior, pois a situação se transforma em um pesadelo quando percebermos, por exemplo, que habitamos em um mundo onde muitas pessoas nutrem a descrença sobre a esfericidade do planeta. Experimentamos, em pleno século XXI, a crescente desconfiança sobre a ciência, a filosofia e os sujeitos que as produzem (e que dedicam ou dedicaram uma vida inteira sobre esses campos); estes são então considerados partícipes secundários ou finais, menos importantes do que as palavras de pastores e políticos que em sua maioria são inábeis atendendo apenas demandas predatórias e escravagistas em todos os sentidos. É engraçado e até perturbador como que muitos respeitam a opinião de um médico ou de um padre, mas ignoram a opinião do cientista social, do filósofo ou do historiador. Isso me faz lembrar de uma cena do filme *Hipátia*, onde logo após a destruição da

biblioteca de Alexandria, os invasores se perguntavam sobre o que são as estrelas e como funciona o céu.

Temos vivido exatamente uma experiência análoga à esta cena irônica e triste: a destruição ou desconsideração sobre o conhecimento ainda que sejam feitas as mesmas perguntas que cientistas e filósofos(os) já responderam com competência ou possuem meios para fazê-lo. Não construímos uma estrada sem o conhecimento de um engenheiro, mas construímos facilmente políticas sociais e legais sem especialistas. O colapso social não é por falta de conhecimento e soluções equilibradas; ele é fruto de interesses corporativos, privados e pessoais que solapam tudo o que foge a esses interesses. O desacerto sobre a convivência social é resultado do egoísmo e do individualismo, o que nada tem a ver com o sentido de individualidade.

Há, no fundo, uma má interpretação do texto e da linguagem como uma cegueira e surdez coletiva onde as palavras se fazem hieróglifos indecifráveis, uma língua já perdida, ou onde a ânsia por realização individualista é colocada em primeiro plano em detrimento do coletivo e do velho bom senso. Talvez estejamos vivendo um momento de preguiça e desinteresse sobre o exercício do pensamento, causando atrofia intelectual, pois pensar e refletir demandam disciplina e prática. Em contraponto, gestores e detentores do poder buscam conduzir a sociedade ao afogamento na maçante rotina da sobrevivência braçal onde o tempo é consumindo, não restando energias suficientes e muito menos o ócio necessário para que o exercício do pensar seja praticado. O resultado é a busca e aplicação de soluções imediatistas e simplistas, em sua maioria retrógradas e que nutrem uma gama de preconceitos. Para as esferas dominantes é mais fácil conduzir uma massa uniforme, cortando qualquer expressão original, do que servir a um conjunto de indivíduos pensantes e que invariavelmente questionarão qualquer atividade opressora.

Em uma existência humana rica e com tantas criações dignas de o ser humano ser realmente considerado uma divindade, muitos escolhem o aspecto do próprio Diabo aos moldes da desequilibrada imaginação cristã. É inaceitável que ainda não tenhamos aprendido como utilizar o melhor da história da humanidade enquanto herança e tenhamos escolhido repetir mecanicamente erros milenares chegando ao ponto de perceber as relações humanas a partir de valores aproximamos ao código de Hamurabi.

E dentro desse cenário nada convidativo estamos nós, Thelemitas, Crianças Coroadas e Conquistadoras, buscando ou exercendo a Verdadeira Vontade individual. Mas às vezes, muitos de nós mais se parecem Crianças Desmamadas e Choronas citando copiosamente o Livro da Lei para satisfação pessoal. Neste caso a Lei “Faze o que tu queres” corre o risco de banalizar-se à galope, alimentada por distorções úteis como justificativas porcas para mentes ainda inaptas ao entendimento dessa filosofia muito mais refinada e sutil que as bases filosóficas

que compõem as leis comuns da sociedade.

Sim. Esse tipo existe. Esse tipo clama “os escravos servirão” para justificar atos inumanos sobre outras pessoas. Esse tipo usa Liber Oz irracionalmente para liberar tensões psicológicas não resolvidas. Não basta ler um texto e considerá-lo como uma linha rígida; é necessária interpretação, e por isso que discutir Liber AL é considerado foco de pestilência: não se pretende que Thelema seja cortada em fatias chamadas escolas como fizeram os cristãos e os cabalistas judaicos. Que todo tolo se apoie nos comentários do Livro da Lei antes de expor ideias próprias. Aliás, não apenas os comentários de Liber AL são úteis, existe um corpo teórico composto por Libri e ensaios que nos orientam na compreensão de Thelema enquanto filosofia.

O primeiro trabalho do Thelemita ou do buscador de Thelema não é realizar com primazia a meditação, asanas, pranayama, goécia, Liber Resh, Rubi Estrela, tarot, etc.. O primeiro e mais básico trabalho é conhecer, entender e aplicar diariamente Thelema. Se dizer Thelemita não é suficiente quando não extirpamos do self preconceitos e atitudes incivilizadas. E na verdade, não precisamos de Thelema para agir civilizadamente. É bem curioso quando muitos repetidamente admiram grandes filósofos e, em contrapartida, parecem apresentar um déficit de compreensão sobre textos simples de Thelema, como por exemplo O Dever. Me pergunto se realmente entenderam obras clássicas como “Assim Falou Zaratustra” ou “A República”.

O entendimento da Lei de Thelema e sua aplicação só é possível com certa disciplina. Esta atua de modo que possamos alcançar um objetivo (Verdadeira Vontade) e para que as naturalizadas camadas do self sejam reconhecidas e despedaçadas. E isso pode ser doloroso para pessoas apegadas a convicções: está preparada(o) para ver a verdade sobre si? Então estará para Thelema. E a consciente Verdadeira Vontade deve ser irrestrita. “Faze o que tu queres”, ou seja, aja de acordo com sua mais alta Vontade, é exaustivamente elucidado diretamente ou em entrelinhas em muitos textos de Mestre Therion e de importantes Thelemitas como Soror Meral. Mas não é demasiado esclarecer que esta fórmula magicka não significa ações irresponsáveis do desejo impensado; aliás, em Thelema, nos tornarmos responsáveis pelas nossas vidas e suas ocorrências físicas, mentais e espirituais e os salvadores são dispensados assim como os culpados são livrados do julgamento.

Vontade – do grego, Thelema – é a sincera consciência sobre si. É a verdade mais sublime, intransferível e incomunicável que é condensada na frase-sigilo criada pelo sujeito conhecedor. E aqui há o total equilíbrio, assim como em O Ajustamento, oitava chave do Tarot. Portanto, a pessoa Thelemita (aquela que conhece sua Vontade) lê Liber Oz e entende que ainda que seja seu direito matar, sabe que este não é sua Vontade. E mesmo se assim o for, entende que a morte se

dá de muitas formas. Veja que Liber Oz não fala de assassinato e qualquer pessoa que proclame que sua vontade é o assassinato, está com sérios problemas ou é psicopata. E nestes casos há as leis que regem a sociedade: “Todo homem e toda mulher é uma estrela” (ainda que muitos sejam inconscientes de seus brilhos ou órbitas) e, portanto, todos, independentemente das infrações, têm o direito de passar por um processo de julgamento idôneo e sofrer penalidades, no mínimo, humanas.

A Lei de Thelema não é para ser considerada como uma apoteose à permissividade. Se alguém comete um crime, não há justificativas que endossam o direito de penalizar através de outra ação criminosa. Isso é irracional. Sabemos muito bem que no clamor das emoções frente a abusos como estupros, pedofilia, roubos, etc. podemos desejar depredar, destruir, assassinar. Mas isso não é vontade, é descontrole e incapacidade de reflexão.

Em Liber II nos é informado que o exercício da Verdadeira Vontade anula os conflitos. Me parece, quando observo cansativas discussões, que ninguém está realmente exercendo suas Vontades ou sequer tentaram realmente alcançá-la tamanha são as divergências e egos afetados. Talvez a famosa Auroville seja um exemplo empírico desse ideal, a sonhada sociedade alternativa cantada por Raul. Então é isso: que possamos ser verdadeiros conosco, que batalhemos na busca e exercício sincero da Verdadeira Vontade e que sejamos as crianças da descoberta, da liberdade e do amor sob vontade e não bebês chorões, mimados e que urram citando Liber AL apenas para ter razão.

Amor é a lei, amor sob vontade.

Soror Lótus

TERAPIA DA MÁQUINA 0.1

“O homem é uma máquina. Tudo o que faz, todas suas ações, todas suas palavras, seus pensamentos, seus sentimentos, suas convicções, suas opiniões, seus hábitos, são os resultados das influências exteriores, das impressões exteriores. Por si mesmo, um homem não pode produzir um único pensamento, uma só ação. Tudo o que diz, faz, pensa, sente, tudo isso acontece. O homem não pode descobrir nada, não pode inventar nada. Tudo isso acontece. Os movimentos populares, as guerras, as revoluções, as mudanças de governo, tudo isso acontece. E acontece exatamente do mesmo modo como tudo acontece na vida do homem individual. O homem nasce, vive, morre, co trói casas, escreve livros, não como deseja, mas como isso acontece. Tudo acontece. O homem não ama, não odeia, não deseja — tudo isso acontece. Mas nenhum homem jamais acreditará em você, se lhe disser que ele não pode fazer nada. Não se pode dizer nada de mais desagradável e ofensivo às pessoas. É particularmente desagradável ofensivo porque é a verdade e porque ninguém quer conhecer a verdade. “

Encontro com G. em Ouspensky - Fragmentos de um Ensino Desconhecido 1949

Esta constatação ofende qualquer homem responsável que desperta da visão de seus intermináveis egoísmos, percebe que o desenvolvimento real deve ser coletivo, a nível de humanidade. Mesmo não compartilhando a mesma visão de mundo, em todas as épocas, houve uma classe de curandeiros e reparadores da mecânica holística do homem. Velavam que é possível deixar de ser máquina. Não ao “homem livre de bons costumes das massas”, mas, para o curandeiro, pois é necessário, antes de tudo, conhecer a máquina. Uma máquina real, não se conhece a si mesma e não pode conhecer-se. Quando uma máquina se conhece, desde esse instante deixou de ser máquina; pelo menos não é mais a mesma máquina que antes. Acontece que somos feios ou bonitos, quando nos comparamos aos gostos de nossa árvore ou aos moldes de nossa época. Nos definimos como jovens ou velhos, unicamente em função da idade em que nossa cultura determina, desenvolvemos tensões, hábitos, vícios e predisposições a certas doenças são manifestações que procedem por herança do corpo genealógico. E se você está lendo esta publicação, sua religiosidade ou não, tem um histórico familiar muito semelhante com de outros.

Tudo acontece. E não é justo que aqueles herdeiros de nossa forma de vida anormalmente estabelecida, sofram sem saber como e o porquê. O trabalho sob o corpo, deste ponto de vista, tem como objetivo despertar a sensação de saúde plena, de juventude e vitalidade, que são atributos nem sempre presentes no corpo familiar e social.

Antes de falar de psicologia, devemos compreender claramente de que trata essa ciência e de que não trata. O objeto próprio da psicologia são os homens, os seres humanos. De que— psicologia— se trata quando cuidamos somente de máquinas? É da mecânica e não da psicologia que necessitamos para o estudo das máquinas. Por isso é que começamos pelo estudo desta mecânica.

Na Índia os gurus, na China os médicos, sempre houvera “mestres” ensinaram que a massagem é uma troca de energia em que, através de técnicas de contato, como deslizamento, fricção e amassamento, trabalha-se o sistema circulatório, linfático, nervoso e energético causando a descontração do corpo e da mente, combatendo doenças além da fadiga física e mental. Quem nunca ouviu falar sobre isso em Medicina tradicional Chinesa, Xamãs, Bruxas, etc. Todos dedicaram sua arte ao poder de curar.

Por que o abraço é uma ferramenta terapêutica tão incrivelmente eficaz?

OSHO em O livro do Ego 2015, define de forma empiricamente satisfatória a mecânica interna desse tipo de contato sanador. Os benefícios podem ser observados ainda durante a sessão, mas quando a pessoa desenvolve o hábito de receber algum tipo de terapia, é possível evidenciar todos os benefícios que este tipo de tratamento traz para a saúde. Mas antes, algo crucial sobre a psicologia dessa mecânica deve ser esclarecido. O conto de que: “a criança morre e o homem se torna adolescente, depois, o adolescente morre e o homem se torna jovem, depois, o jovem morre e se torna um indivíduo de meia-idade, e assim sucessivamente. Isso não corresponde em absoluto a realidade. A criança nunca morre, nada morre. A criança está lá, sempre está lá, envolta em outras experiências, envolta na adolescência, depois, na juventude, depois, na meia-idade, depois, na velhice, mas a criança está sempre lá. Sem dúvidas que o amor é o fenômeno mais sanador, indo ao fundo nele sempre é possível encontrar a criança inocente, e entrar em contato com essa criança inocente é terapêutico.”

Controle do estresse;

Diminuição da ansiedade;

Alívio da tensão e dores musculares;

Melhora da circulação sanguínea, elasticidade da pele e sistema imune;

Diminuição da pressão arterial no caso de pacientes hipertensos;

Alívio das dores de cabeça;

Diminuição do cansaço;

Estimulação e equilíbrio do sistema intestinal;

Eliminação de toxinas e resíduos metabólicos;

Diminuição das insônias.

Contato físico

Durante algum tempo a pessoa deve ficar tão relaxada de forma que nada penetre nela, nenhuma memória, nenhum pensamento, nenhuma imaginação. Uma hora sem nenhum conteúdo em sua consciência, e isso vai rejuvenescê-la e recarregá-la. Isso vai liberar fontes de energia, de modo que ela venha a estar de volta no mundo mais jovem, revigorada.

Contato emocional

O conhecimento e o direcionamento da técnica e do profissional que irá aplicar a terapia é essencial para a obtenção dos resultados. Mas arte curativa não pode se deter aí. Então como se mantém o processo? Com desenvolvimento intermitente. A própria sensação do calor que flui da outra pessoa derrete muitas doenças no ser humano, derrete o ego frio e gelado. Faz com que o homem volte a ser criança. Os psicólogos sabem bem que o cérebro mamífero reage a falta de carinho da mesma maneira que o cérebro reptiliano reage a falta de alimento. É possível suprir todas as necessidades básicas, dar todos os confortos físicos, mas, se faltam abraços, ela não vai crescer e sentir-se um ser humano completo. No fundo, ela vai permanecer triste, sem carinho, negligenciada, ignorada. E a inteligência do profissional, a clareza, o conhecimento e a formação acadêmica não vão fazer isso. A pessoa pode saber tudo o que existe sobre terapia, pode tornar-se um especialista, porém, se não souber desenvolver holisticamente permanecerá apenas na superfície da terapia. No momento em que começar a sentir o paciente, aquele que está sofrendo (de cem casos, noventa pessoas estão sofrendo), basicamente que não foram amadas. Se puder ajudar a preencher essa necessidade, haverá uma mudança quase mágica na condição da pessoa.

Contato psicológico

De um certo ponto de vista, doenças são como sonhos, mensagens que revelam problemas não resolvidos. Não vamos presumir que todas as doenças são psicológicas, mas vamos observar o que há de psicológico em cada doença - observando o evento psíquico em sua relação com o corpo.

O relaxamento significa que não é lançada nenhuma informação para a pessoa. Este tipo de atenção é necessário mais do que nunca nos dias de hoje. É tão necessária que é quase uma questão vital. No passado, era um luxo, tanto que poucas pessoas se interessavam por isso. Outros, mantinham-se em silêncio, eram cientes disso e, naturalmente, felizes. Não havia a necessidade de se pensar em relaxamento, pois, de forma inconsciente, eles estavam relaxados. Agora, as mudanças são extremamente rápidas, com uma velocidade tal que até os mais inteligentes sentem-se incapazes de se adaptar. A cada dia a vida é diferente, e as pessoas têm que aprender de novo. Nunca podem parar de aprender, neces-

sariamente um processo para toda a vida. Pois só assim poderão permanecer sãs. E a pressão é grande. Como não sucumbir a essa pressão? A pessoa precisará ter momentos de meditação e relaxamento de modo intencional.

Contato libidinal criativo.

A meditação é um esforço, em primeiro lugar, para tornar as pessoas independentes e, em segundo, para mudar seu tipo e sua qualidade de consciência. Com uma nova qualidade de consciência não podem existir problemas antigos - eles simplesmente desaparecem. Meditação é um treinamento. Ouspensky verificou isso em seus primeiros experimentos com a memória de si no passado e a meditação. De que ao reagir mecanicamente, sem tomar ciência de si, não só interferia na qualidade de suas ações/ repetições, como interferia diretamente na qualidade da memória adquirida, situação da qual não produzira nenhum desenvolvimento e sequer uma memória pode ser construída.

Por exemplo, quando o indivíduo era criança, tinha alguns tipos diferentes de problemas, e quando ficou mais velho eles simplesmente desapareceram. Para onde eles foram? Ele nunca os resolveu, eles simplesmente desapareceram. Ele não consegue sequer lembrar quais eram os problemas que pertenciam à sua infância. No entanto, ele cresceu, e aqueles problemas desapareceram. O que acontece é que o indivíduo pode crescer fora deles. Quando for mais velho, o indivíduo vai rir de seus problemas, antes tão urgentes, tão destrutivos a ponto de ele até ter pensado em suicídio. Ele os solucionou? Não, ele simplesmente cresceu, tornou-se adulto e envelheceu. Aqueles problemas pertenceram a um estado particular do desenvolvimento de um indivíduo. É assim quando a pessoa cresce em consciência. Também desse modo os problemas vão desaparecendo. Chega o momento em que a pessoa está tão consciente que não surgem problemas.

A meditação não é análise. A meditação é **desenvolvimento**.

Todo e qualquer nível de consciência é respeitável porque se refere a um ser a quem é apropriado. Seria impensável pedir a um bebê de seis meses que tivesse o nível de consciência de um adulto. Em cada idade, cada estágio da vida corresponde um nível de consciência saudável. Um nível de consciência torna-se tóxico se alguém continuar vivendo de acordo com esse nível, em vez de alcançar ou desenvolver o próximo graças ao próprio crescimento. É traumático ter que agir, pensar, trabalhar e gerenciar informações como adulto quando você ainda é uma criança. - Algo conhecido pelos psicólogos. Mas se fala com menos frequência sobre o drama de agir e pensar como uma criança (ou adolescente) quando adulto. Jodorowsky em *Metagenealogia* 2011 e *Psicomagia* 1995, sucede as teorias de Gurdjieff e Ouspensky definindo cada nível de devolução da suposta consciência de si, de existência de um centro unitário, isto é, um ponto de re-

ferência que serve à pessoa para definir em torno do qual o seu funcionamento tem se cristalizado. Não podemos particularizar profundamente, mas sentir.

1.- NÍVEL ANIMAL: Esse nível corresponde a vida primitiva. A dos animais e a dos bebês. Suas prioridades são essencialmente alimentar-se, defender-se e sentir-se protegido. Em toda a variedade de animais de sangue quente, nos quais nos encontramos, esse primeiro nível registra em nossa história a necessidade de um clã, de uma família. Se uma pessoa já não é um bebê e ainda está nesse nível de consciência, significa que ele vive exclusivamente como um predador em busca ou em luta com sua presa. É o caso da maioria dos criminosos, pessoas cuja educação ou meios em que vivem os obrigam a retornar a um estado de sobrevivência e violência permanente. Também, uma pessoa muito depressiva, totalmente dependente e incapaz de comunicar-se com os outros, poderia reverter para um nível de consciência animal. Ele só se preocupa em atender às necessidades mais primárias. Transformam a realidade em uma selva de agressividade. É o que acontece no mundo animal onde apenas os egos mais baixos se desenvolvem. A motivação se concentra na satisfação das necessidades básicas. Os egos materiais e sexuais se desenvolveram, o emocional e o intelectual são imaturos. O motor da ação é a sobrevivência e suas respostas giram em torno da comida, sono e sexo.

2.- NÍVEL INFANTIL: Consumidor por excelência. Esse nível corresponde à criança por excelência. A pessoa é dependente, consome sem produzir nada, não funciona, mas brinca para preparar-se e crescer. Seus sonhos e imaginação colidem com a realidade. A criança recebe sem se preocupar em dar. Nesta idade, a pessoa tem o direito de ser totalmente inútil para a sociedade e é de vital importância para ela ser aceita pelos responsáveis (pais, professores, etc.). Todos esses ingredientes na idade adulta definem um tipo de consumidor que a sociedade industrial precisa para sobreviver. Dependente e materialista, ele se deixa convencer de que este ou aquele produto são absolutamente indispensáveis. Muitas vezes, uma pessoa irresponsável, completamente absorvida por jogos, é alimentada por ilusões e produtos sem valor real, que também personifica o subalterno sonhado pela hierarquia de qualquer empresa. No plano emocional, é incapaz de deixar que os interesses de outra pessoa ultrapassem os seus próprios. Joguetes, acumulações, filmes são próprios quando a pessoa permanece infantilizada, é na infância que o entretenimento é a prioridade. Não se destina a chegar a qualquer lugar, não há ideal ou busca, apenas entreter-se. Nossa sociedade tenta nos manter nesse nível, onde somos consumidores compulsivos. Uma criança não pode montar nenhuma “revolução”, e quem está no poder pode lidar conosco com total tranquilidade.

3.- NÍVEL DE ADOLESCENTE: A adolescência é uma idade marcando três preocupações: amor, em geral um ideal e concebido como algo eterno; morte, um oposto ao qual tentamos desafiar e inclusão em um novo grupo, seja uma gangue,

um círculo de amigos, um fã-clube. Isso servirá como um filtro entre a família (o mundo fechado da criança) e a sociedade humana em seu sentido mais amplo, para o qual o adulto é direcionado. Esse nível de consciência é caracterizado pelo romantismo extremo, uma atração pelo perigo ou uma estética fortemente mórbida (caveira, moda gótica, etc.), além de um forte desejo de se identificar com um clã (através do modo de se vestir ou de velhos hábitos). A reivindicação de liberdade ou originalidade, baseada na oposição ao sistema educacional atual, é igualmente sintomática. Quando a adolescência termina, este nível de consciência nos leva à tirania da moda e ao culto aos valores da juventude, a todas as formas de idealismo ou fanatismo, a comportamentos autodestrutivos e revolucionários. Há uma visão irreal de vida perfeita.

4.- NÍVEL DE ADULTO EGOÍSTICO: Preservar a segurança e a propriedade privada; defender os interesses. “Tudo para mim”. Esse primeiro passo na vida adulta não é negativo por si só. Em um determinado momento, você precisa pensar primeiro em sua própria segurança, em construir um lar e uma herança. O que tende esse adulto a permanecer nesse nível por um problema de insegurança. O primeiro ato da vida adulta é conseguir um lugar na sociedade, mesmo as custas de um concorrente. Quem estiver plenamente estabelecido nesse nível de consciência terá como única preocupação salvar-se, garantindo sua própria segurança (ou a deles) sem precisar compartilhar nada com ninguém. A generosidade livre não existe neste nível de consciência. É, primeiro, tirar vantagem sem dar nada em troca. O comprar barato para vender caro. Esse nível de consciência é a base do comércio e da economia. A comunidade é hierarquizada e inevitavelmente se torna um campo de batalha de forte concorrência. Os principais valores são estabilidade, proteção e defesa de interesses quem podem levar a um ser abusivo que viver em isolamento mental com zero de empatia.

5.- NÍVEL DE ADULTO ALTRUISTA SOCIAL: Esse nível de consciência representa toda pessoa adulta dotada de consciência social e que se preocupa com o bem-estar coletivo. O Outro se torna personagem central da sua vida. O adulto altruísta ou social visa reunir a sociedade humana. Essa união pode, a princípio, ser nacional ou corporativa e levar a uma sociedade mais ampla. Os grandes princípios de igualdade entre os povos, de pacifismo, de liberdade de expressão e de abolição da escravidão são realizados neste nível de consciência. Um herói da Resistência que morre por seus ideais sem trair seus companheiros, um homem justo que protege os perseguidos mesmo com o risco de sua vida, um assistente social infatigável etc., todos eles são exemplos de adultos altruístas. Nesse nível, a generosidade deixa de ser um luxo para se tornar uma necessidade, porque se entende que tudo o que se dá aos outros, na realidade, está dando a si mesmo, e que tudo o que retém ou se recusa a dar, torna-se privação para ele.

6.- NÍVEL DE ADULTO PLANETÁRIO: “Tudo está vivo, tudo faz parte de mim, faço parte de todos”. Neste nível, encontramos um adulto consciente de tudo o

que vive no planeta, o próprio planeta faz parte dele e cuida dele como se fosse ele mesmo, vivendo da melhor maneira possível. Tem estreita compreensão de seu ambiente natural, seja ele qual for. Esse nível de consciência é utilizado pelos grandes sábios das religiões primitivas, pelos xamãs e pelos homens e mulheres da medicina. Também é típico da autêntica consciência ecológica, mas não é alcançada, exceto sob a condição de que haja uma estreita união com tudo o que vive no planeta. Seja uma pedalada diária, além de uma postura teórica ou estética. Não desperdiçar, compartilhar, encontrar soluções duradouras e respeitar os seres vivos em todas as suas formas são os imperativos desse nível de Consciência. Em um plano coletivo, tudo isso nos remete ao comércio justo (não apenas de quem o organiza, mas também ao consumidor) e ao modo de vida ecológico.

7.- NÍVEL DE CONSCIÊNCIA SOLAR: Atua nas gerações passadas e futuras, entende a vida. Esse nível de consciência se estende até os limites do sistema solar. A pessoa, aqui, considera o sistema solar, e não a Terra, como seu ambiente natural. Esta pessoa supera o tempo e o espaço e propõe-se agir não apenas para sua própria geração, mas, de ambos os lados, nas gerações precedentes e seguintes. Este nível está em paz com todos os eventos que marcaram a história familiar e da humanidade. Com todas as energias do passado, presente e futuro que contribuem para o surgimento da vida. Isso nos leva a viver na frequência dos grandes arquétipos e na encarnação dos símbolos, que são então considerados como muitos outros aspectos do mesmo Todo, elementos de uma única unidade considerada como princípio da vida. Semelhante ao sol, que oferece luz e calor. Qualquer que seja sua espiritualidade e religião, a pessoa que tem esse nível de consciência, vive em estreita relação com o princípio criativo chamado “Deus” ou força vital.

8.- NÍVEL CONSCIÊNCIA CÓSMICA: Esse nível consiste em governar sua existência, estando absolutamente ciente de que existem, de certa maneira, outras formas de vida, outros planetas habitáveis e que mesmo a vida não é prerrogativa nossa exclusiva. Rompe com todos os preconceitos e começa a abarcar a imensurável multiplicidade do universo e considerar a existência da vida além dos planetas, distribuída pelo vazio interestelar. Esse nível de consciência conhece a dissolução da individualidade naquilo tudo de que falam os grandes místicos. Nesse nível, já foi descoberto que tudo está unido. O segredo da consciência é “re-ligare”: unir o que foi separado. Estamos em um sistema planetário que gira em torno de uma estrela que é o Sol e fazemos parte de uma galáxia que por sua vez pertence ao universo. Ele sabe como relativizar os problemas do dia a dia, porque se inclina para as leis do cosmos. Aceite a morte, desapega-se de toda posse e entrega-se ao vazio.

9.- NÍVEL DE CONSCIÊNCIA DIVINA: “Eu sou Amor, nada além de Amor, apenas o Amor maravilhoso”. Quando a consciência divina é vivida na vida cotidiana, o princípio de toda ação é o deus interior. É difícil falar sobre esse nível de

consciência, porque entramos no indizível e no impensável. As fronteiras são abolidas, nos transformamos em seres transpessoais e superamos nossos próprios sentimentos, ideias, desejos e necessidades para criar “Deus”. Este centro é construído não pelo mental, mas por um conhecimento totalmente intuitivo, por um sentimento de unidade, amor e compaixão por seres mais limitados. Esse nível de consciência se manifesta quando o medo desaparece e o ser é invadido por uma alegria de viver permanente e absoluta. “Até então, ele vivia no terror do mundo, mas ao descobrir que ele e o mundo são a mesma coisa, o terror é eliminado pela alegria, por um estado de plena felicidade.” Nível de consciência ligado ao nome inefável que está dentro de cada um. É o que eles alcançaram: Buda, Cristo e Muhammad. Um nível que fica fora do nosso alcance, somos seres humanos, a divindade está em outro plano no momento. No entanto, todos carregamos dentro dessa chama divina, nosso Deus interior.

Todos os níveis são importantes, todos temos que vivê-los e estes últimos níveis descrevem uma realidade espiritual ou religiosa. Uma pessoa que atingiu um nível muito alto de consciência pode ser um artista, fazendeiro, empregado, etc. Seja quem for, não existe dogma e talvez seja útil esclarecer a influência da religião em nossa árvore genealógica, a compreensão e a absorção de dogmas religiosos mudam radicalmente de acordo com os diferentes níveis de consciência.

No nível Animalesco, a religiosidade é fruto da superstição e da violência em nome das crenças. Inculca o pensamento de que “Quem não professa minha fé é uma ameaça para todos.” O acolhimento religioso transforma-se em uma lógica de sobrevivência e pode-se chegar a agredir outra pessoa pelo simples fato de pertencer a outra religião. Já no nível Infantil se encontra o que chamamos de lógica de grupos, “vai com as outras” uma fé ingênua, crédula, de pequena estatura, em que se emprega muitas imagens e ídolos. Neste nível a oração e os ritos são utilizados para pedir ajuda a divindade, concebida como um pai benevolente que os protege. O nível Adolescente tem sua expressão da fé exaltada e partidarista. Neste nível pode-se ver nascer o proselitismo sob uma forma não agressiva, porém intensa, além de reivindicações a respeito da própria fé como “a única” ou a melhor. É também o nível das celebrações coletivas que aumentam a intensidade desta fé, de todas as práticas de automortificação, flagelações, reclusão, jejuns rigorosos, yogas dolorosos, maratonas de meditação, etc. Contudo, somente quanto ao Adulto Egoístico é que se inventa a hierarquia religiosa. Politiza a religião e a torna um fundamento da ordem social. Em seu nome, surgira a Inquisição, a colonização religiosa das Cruzadas ou a fundação de sociedades secretas como o Opus Dei. Essas sociedades não duvidarão, nem por um momento, quando se trata de obter benefícios econômicos em nome da religião ou de adotar atitudes partidárias. A construção de templos, mesquitas, igrejas e beatificação dos santos deve-se mais a uma lógica política e monetária do que a atos de pura fé. Ultrapassando esta lógica, o Adulto Altruísta é aquele capaz de fundar missões, obras sociais, orfanatos, hospitais, etc. Os padres trabalhadores,

os teólogos da libertação ou Teresa de Calcutá são bons representantes desse nível. É a ação social em nome da religião, que também mostra um espírito de ecumenismo e tolerância. A vida monástica, quando aberta para o exterior através dessas obras, corresponde a esse nível.

Até que atinja o Adulto Social, o milagre é considerado uma manifestação extraordinária que aparece fora do que se pensa serem as leis do universo. Mas a partir de um nível de consciência Planetária, começa-se a perceber que o milagre está em toda parte, começa a vê-lo e é capaz de agir com a intenção de produzi-lo. Às vezes, com essa intenção milagrosa, certos grupos podem produzir resultados inexplicáveis, como por exemplo, após as orações de um povo inteiro, atraem a chuva necessária em um período de seca. O Adulto Planetário não sente mais que existe uma religião oposta às outras. Ele está perfeitamente consciente da unidade nas abordagens e da fé através da diversidade das formas. A fusão de religiões com abordagens não religiosas e a compreensão da ciência são finalmente possíveis. Este é o nível em que o científico e o religioso podem dialogar em paz porque não estão mais sujeitos a palavras ou ideologias, mas apenas ao mistério dos vivos. No nível individual, o adulto planetário adota a atitude de um iluminado, um santo ou um xamã que abençoa tudo o que vê. Já entrando nos graus de misticismo e êxtase está o Adulto Solar. Onde o templo é o corpo e o corpo é o templo. Deus é encontrado dentro de si mesmo, o amor impessoal e a compaixão universal são conhecidos. Todo ser humano se percebe como um sacerdote, todo lugar é um altar, todo ato é sagrado, todo obstáculo ou evento é um ensinamento ao longo do caminho. Onde adiante, o nível Cósmico se realiza não apenas por percebe milagres, mas também começa a realizá-los. Alguns, após a morte, o corpo não se deteriora normalmente, exalam perfumes, como Padre Pío, que apresentava um cheiro florido de tabaco, o de Santa Teresa de Ávila exalou por muito tempo o cheiro de violeta, etc. Quanto a Consciência Divina, enquanto religiosidade, é por sua própria essência, o cerne de toda religião.

Nosso olhar para o mundo é filtrado pelo nível de consciência que possuímos e isso, por sua vez, está diretamente relacionado ao nível de consciência da nossa árvore genealógica e da forma de agir frente ao mundo que herdamos dela. É fundamental para os seres humanos manter laços com os outros, criar uniões. Como exposto, é necessário aceitarmos a visão transpessoal, de que estamos destinados, de alguma maneira, a unirmos com o mundo, para através de laços saudáveis, poder compartilhar nossas experiências, enriquecer aos outros e enriquecermo-nos dos outros para assim desenvolver-se conscientemente. Compreendemos então quão fundamental é manter laços saudáveis com a família, para compartilhar dessas experiências, através das ideias, emoções, das energias criativas, através do contato físico e das suas relações com o dinheiro e com o mundo.

Estes laços saudáveis são responsáveis por intercâmbios espirituais e psicoló-

gicos através do qual podemos nos despertar deste estado mecânico, primeiro na própria família, nosso primeiro exemplo de universo, para então abriremos para criar outros laços sãos com o mundo. Contudo existem também laços tóxicos, que surgem mesmo no meio familiar. Primeiro são os golpes recebidos na infância, repetições que tem a ver com excessos e são a raiz da raiva, e por outro lado, perdas ou faltas, que produzem durante a vida adulta a sensação de ansiedade.

Conhecer a própria condição automática, além de facilita a compreensão do outro, que está sujeito as mesmas condições, proporciona um despertar do homem máquina que se percebe consciente, capaz de meditar, relaxar e recorda de si, somente quando prestou atenção nele próprio.

A pessoa aprende, experimenta algo e depois descobre que aquilo não funciona. Em seguida, deve descartar aquilo. Mover-se em outra direção, tentar outra opção. O homem que é capaz de aprender nunca se torna neurótico, não consegue. Começa a passar para outras dimensões. Há outras opções disponíveis. Ele se desenvolveu.”

Assim todos podemos seguir em frente mudando a visão de si mesmos e de nossa arvore, afastando a sensação de que as atitudes, impulsos e vontades são algo defeituoso, algo fundamentalmente mal, mas sim um mecanismo de consciência relacionado ao funcionamento do cérebro animal para manter e preservar a vida. Mesmo a raiz da tradução da palavra “pecado” do hebraico, significa “errar o alvo”. Não uma transgressão ética, estigma de algo mal que atua em si. Mas bem seria que, no fundo, todos trabalham sobre si mesmos, para ir educando esses impulsos e têm o direito de errar. Ao tentar faze-lo então quando esses impulsos surgem, contrariando a intenção pessoal, não resultam nenhum pecado, se não é que erramos o alvo e que está nos está mostrando como, de alguma maneira, podemos nos reeducar e liberarmos deste modo de agir que já não correspondem mais. Assim, como um novo olhar não culpabilizador, mas compassivo e, desde aí, reparando, estas contraturas aprendidas e herdadas de nosso núcleo genealógico, saudáveis ou tóxicos, estas estruturas devem ser estudadas.

Soluções aqui não são necessárias. O que se necessita é clareza. Um problema devidamente compreendido, com o tempo, é resolvido. Porque um problema surge através de uma mente que não quer acordar ara recorda de si. Esta é uma chamada a alternativa arte do curar. E parece ser impossível ajudar a toda gente, mas é possível começar a ajudá-las. De pronto, não se pode curar a ninguém, nem ao menos, começar a ajudar se não começa pela cura de si mesmo. Pois a arte terapêutica, não é só para curar os outros, é curativa também para si. Não há cura maior para uma pessoa que ajudar aos outros. A bondade é altamente curativa, a autenticidade é curativa, a arte de sentir a beleza tal como é, de produzir felicidade. Fundamentalmente não se trata de curar, mas aderir a um método que permita nos desenvolver como pessoas a serviço do amparo, a desvelar o

poder curativo interior que existe em todos os seres humanos. Tampouco trata de subir a um estado psicanalítico, mas bem seria tratar de converter-se em artistas modestos a serviço da humanidade, em parte da humanidade. É desenvolver o prazer pelo antigo intento em direção ao autoconhecimento. Que cada um entre e transmita um processo de cura e transformação.

AumHa 93.93/93

EDITORIAL

AI III-69. There is success.

93 to all, today we celebrate the two-year anniversary of our first publication on the 2017 Spring Equinox, yet we timidly realized the aspiration for a Thelemite publication that had multi languages, multi facets, multi studies and was multi-lineage of the manifestations of the Holy Order of A. A. in Brazil, without ramblings nor fanfare, I don't know a similar case anywhere else in the world, nor other people who have put the promulgation of Thelema's Law first so, my sincere thanks to the eternal partners of the beginning. Thank you Soror Adler, the tireless Frater I156, Frater Amaranthus and Frater Alhudhd, without you nothing would have been worth it.

We have always had a lot of help and collaboration from Thelema's names whether in a South American or worldwide context here is our thanks for this help from the first hour so far: QVIF (great supporter), IAO131 (thanks for the Brazilian unicursal hexagram) Michael Staley, Karel McCoy, Natasha Nox, Soror Nema, David Cherubim, Venus Genetrix, T. Allen Greenfield, Aureaus 273, Kathy Frisvold, Selwanga, Veronica Rivas, Star Ruby, Orryelle Defenestrade, Paul Joseph Rovelli. We thank the wonderful 777 team that grew up and today also has Sorores Nemo and Ignis (NunIshtar) and frater Djedji.

In this edition we have the news and the daring to release our first bilingual version (Portuguese-English) so our dear friends will be able to read our writings.

Force and fire, are of us

H418 and Team 777

THE NIGHT BILLOWS

April 14, 1972

The night billows in waves of darkness and blood.
And when the time is past, and when the flesh is cold,
The moment also passed, and the bring of the abyss
That loomed in her eyes and trembled in her kiss
Is gone, and done, is cast; the tale has been told;
The tale of dark billowing night, of red and flaming blood.

Marcelo Ramos Motta

THELEMAGICK: ARARITA

“That returned unto One, and beyond One, even unto the vision of the Fool in his folly that chanted the word Ararita, and beyond the Word and the Fool; yea, beyond the Word and the Fool.”

Liber Ararita

“Thou Naughty Boy, thou openest THE EYE OF HORUS to the Blind Eye that weeps!”

Liber of Lies

There are three subjects that catch my attention in magic: magickal poetry, magickal gesture and the magickal image. Magickal poetry, the language of emotions and of feelings is used in the writing of the sacred Class A books of Our Most Holy Fraternity and many people ask the reason for certain teachings are not passed more clearly, directly and objectively - or that is, in cake recipes. Read: “He was happy as he approached home, the wet t-shirt within the freezing rainwater that had begun to fall. ” Now read: “Cold drops on forehead and wet shirt on chest and back. From the cloudy sky, the heavy summer rain. Panting breath: euphoria of pure haste. Intense joy of coming back: sweet home! ”. I have nothing more to say about it: poetry speaks more of Johnny's inner state than pure written description. The magickal experience is so intense that detailing would take time and hundred pages of a detailed description that can be efficiently summarized in one verse where the process and achievement states are described. The poetry is magick. The gestures are poetry from the world of Assiah and the images lead quickly to understanding. The world of magick seems far-fetched and complex, but what we try to do is summarize the ideas to the core, so that the reader can delight in the experience equally. I also say that many of the results of most magical practices can be verified by reading and careful practice of Class A books. Of these three factors I consider very important in my aspiration, there is one that is one, but at the same time the three: the magickal formula. And among the aeonic magic words I will speak from my current lover: ARARITA.

ARARITA is a word composed by the initials from “Achad Rosh Achdotho Rosh Ichudo Themuratho Achad” -, which means “One is the beginning of his unity, the beginning of his uniqueness; his permutation is one”. The phrase describes god as the only unchangeable and eternal being in the Universe, being a very old and little commented Jewish abbreviation. and one of the most famous notariqons (kabbalistic tradition of abbreviating words and phrases, creating new word and relating them to the original) of the middle ages. Corresponds to the Hexagram and states that the divine union can be found in the apparent oppositions of nature. Individually they mean: Achad, "one"; Rosh,

"head or top"; Achdotho, "your unity"; Ichudo, "to be unique"; Themuratho, "permutation".

One of the oldest applications for the word ARARITA dates back to Jews from Provence around the year 1200, considered the golden age for the same. There are assumptions that ancient secrets found in the books of Cornelius Agrippa arose in the Kabbalistic circles of this region. That predominantly oral Kabbalah merged with traditions of southern France, the

Pyrenees, northern Italy and even with the Moors and Iberians, generating an infinity of Kabbalistic and Magical lineages thereafter. ARARITA was known in the kabbalistic circles of Provence as the representative word of the foundations of heaven, while AHVY represented the foundations of the earth (AHVY being created from YHVH and AHYH, according to Pardes Parmonim, year 1548, chapter 21, verse 3. Moise Cordovero further states that AHVY - Ehoui, is the "true" name of God).

ARARITA is a way of saying that, regardless of the name you call the deities, forces, they are one. The hexagram is the maximum symbol of operation with the seven planets under Sephiroth regulation or numbers, and it is also related to the word ARARITA. Its magical use in necromantic rituals and ceremonies already around 1500 is described mainly in enchantments and sigils, and Agrippa, in his *De Occulta Philosophiae* - Book 3, already makes ARARITA associations with the seven ancient planets, namely: Sun, Moon, Venus, Mars, Jupiter, Saturn and Mercury; these planets are also worked on Picatrix, one of the oldest grimoires, and certainly influenced Agrippa and others in their reflections on the magic and nature of this art.

Although the word ARARITA appears much more in magical-medieval texts and than in rabbinic literature, it is important to mention that the word was not "created" by medieval magicians and occultists, and is still used today in Jewish sympathies and incantations. An example of your application is in "thephiloth lamatziath beth zog", "prayers for find partners ", where ARARITA is the name called or thought in certain parts of the pray. ARARITA has in most of these popular prayers a similar effect to Amen. Agrippa attributes ARARITA to the archetypal world, or closer to Atziluth, while in the intelligible world ARARITA would be expressed by angels, physically by the Planets and just like the elements, each planetary force would still have their "elemental" beings, such as Vppupa for Saturn and

Adamas to Mars. It extends ARARITA's relationships to body parts, infernal worlds and still metals and colors, which we will take here as example the "planet" Sun. In the intelligible world, represented by Sun would have as archangel Raphael.

Their elementals would be: Olor, Vitulmarin, Leo, Aurum, Carbuculus. Even though these names are not clearly motivated, it is possible to determine that Leo, Aurum and Carbuculus is related to Leo, Gold and Coal, these last related to the sun over the centuries in Alchemy. It was common until the middle of middle ages to name the general properties

of things, especially the Elements. One of the Saturn-related elementals is called Vppupa, which appears in medieval poems and treatises on post Agrippa necromancy, and it refers to nothing more than a bird (similar to the vulture) that feeds on feces from other animals, often called Uppupa, by the Greeks.

Onychinos, taken from the Greek too, referred to onyx. So the names of ancient "elementals" are actually the same correlations of animals, colors, plants, emotions, ideas currently made with the planets, but with ancient Greek or Latin words, or in an ancient language of which the word came from. It was common among medieval authors to name the various forces of nature, so fire would consequently have names for its ability to heat and another name for its ability to burn. The sciences, notably physics and chemistry, took from alchemy this craze of name the various properties of a particular entity. The fact of keeping as faithfully as possible the names of forces, angels, demons may demonstrate that the authors of this time found to be relevant the original idea attributed to being.

Thus, although a witch is referred in Latin period as striga or stria, many authors kept the word in the original strix, owl, with the intention likely that the reader could go back to the original idea of the term and the relationship of the witch with the owl, bird of nocturnal habits.

ARARITA has the numerical value of 813, which is also the value of the verse Genesis I: 3 - "Vayomer Elohim Yehi Aur, vihi Aur" ("And God said let the light be, and the light was made. Or in Latin: "dixitque Deus fiat lux et facta est lux"). That verse is, among various medieval spells, the most important and even used magically in the performance of the rituals, in the order: "Fiat Lux ", the same spoken by God in the creation of light. Beyond the Fiat Analogy, the Genesis Lux is related to the LVX formula: bringing from darkness or unknown to the known and with the IAO formula. Both spoken, in a certain way, represent the transformation and death.

The ARARITA, already used even before Agrippa's publications, was popularized through his works as we mentioned, notably De Hides Philosophiae; in his book we can find talismans with the word, and even specific Kameas with ARARITA letters. It also appears on Piobb's Form of High Magic. To Latin, ARARITA was translated as una principium unitatis suae, principium singularitatis suae, vicissitudo sua uno. Several numeric associations can be made. I don't particularly like to extend them too far beyond the obvious, since several correlations can be only due to the randomness proper to the numbers and their relations with the letters - the possible combinations are many. The word comes in many excerpts from Sefer Ha Zohar, or book of splendor. It has been appearing in Freemasonry for over 100 years as a secret pronunciation of the name of god: the tetragrammaton. Several books related to Freemasonry and 19th century Rosicrucianism cite ARARITA as the "secret" word from the sages of Alexandria. ARARITA is also represented by several values: 1, in relation to its initial and the unity of god; 813, because $1 + 200 + 1 + 200 + 10 + 400 + 1 = 813$; 12, considering only the decimal value

summarized and to the Zodiac: $1 + 2 + 1 + 2 + 1 + 4 + 1 = 12$; by 111, representative of the Trinity and the three Alefs. The number 813 may also be related to LASHThAL and with Liber 418 - where $418 \rightarrow 4 + 1 + 8 = 13$, 1 more than $3 + 1 + 8 = 12$, and therefore representing the next step or renewal of formulas. 418 is a mentioned number in Liber ARARITA, a class A book that according to Crowley "contains a method of reducing the hexagram to unity." ABRAHADABRA (418) is composed of 11 letters, and in Liber ARARITA one of the associations is the union of the Pentagram with the Hexagram, the 5th with the 6th.

Importance, however, rests with the 12th in that Liber, considering that the hexagram represents the seven planets and the mage's Ruach, or its center mind: the sun. Understanding the hexagram as our Ruach becomes very obvious understanding why uniting all its aspects into one thing was considered by Crowley as a powerful initiation. These relationships are

interesting and can be developed. ABRAHADABRA follows the same formative sequence of ARARITA, consisting of two "loose" letters (H and D, 5 and 4), by two repeated letters (B and R, 2 and 200) and five repeated letters (A, 1). The repetition of Resh and Aleph on both sides of the hexagram shows the thesis and antithesis, the confrontation between ideas.

ARARITA represents at the same time the unity (Yod), the duality (represented by two letters Resh) and the trinity (represented by three letters Alef). They would all lead to the "end" or conclusion of things, Thav. also represents the manifestation in the elemental world (having four letters). Like this, ARARITA takes us from 1 to 4, number of the elemental manifestation. 1 to 2, 2 to 3 and 3 to 4. Following this original idea of the meaning of ARARITA in Liber DCCCXIII, Crowley already explains the formula in the first verse, literally. It's even easier to absorb the concepts of unity, duality and trinity inserted in ARARITA when we notice the following traditional representation of the hexagram. YOD is considered the generating letter from all the others in the Hebrew alphabet. Above and below we have Alef, the first letter of the alphabet, and Thav, the last one, indicating the beginning and the end.

In Liber ARARITA, verse four shows the beginning of the tree of life climbing through Thav, letter attributed to Saturn and Earth. Crowley suggests that the Chapter 1 must be confronted verse by verse with Chapter 2, which contains opposing ideas. Liber ARARITA tries to show that our ideas are only mental projections in the universe and that the real and unreal are two sides of a same coin. It is clear that verses 3 through 9 relate, respectively, to the Sephiroth. Chapter 1 presents the Sephiroth in his "positive" aspects and Chapter 2 presents the opposite aspects. The method Liber ARARITA's practical work begins by comparing both chapters simultaneously. The name ARARITA and practically all the the Libri have already spoken of the nature of the Great Work: the union of God (or SAG) with man, mystery simultaneously of Saturn (Binah) of Earth and represented by climb the tree of life. And already in verse 0, after presenting the idea of the one, there is the admonition in Chapter 2 that ARARITA is 111, not 1 - that would be a consideration that ARARITA represents the unity of several, and not one, and it does not necessarily

has to do with monotheism.

The main oppositions in Chapters 1 and 2 are: the Lord of Time, old (Saturn), against the devouring mothers of hell; a majestic king (Jupiter) and others without mercy and vile, like harpies; a warrior king with his armor (Mars) against the volcanoes and infernal sparks; a God brilliant, of music and beauty (Sun), against the selfish and the flustered; the ocean as a living being against the ravens of death (Venus); a lovely young and playful (Mercury) against lying spirits; a hunting goddess with her dogs against obscene beings in the decay of death. In Chapter 3, the essence Of these verses are obtained and should be further expanded in Chapter 4. The following chapters 5 and 6 advance the fundamental idea a little further, and manifest them according to the will of the Adept (Chapter 6). Until in Chapter 7, the ideas, theses, antitheses and syntheses are dissolved. This process culminates in Daath, where ideas are destroyed. Liber ARARITA shows that the positively exalted Ruach creates, and the negatively exalted leads to madness. In Chapter 6, we can note in verse 1 to Nuit's presence. That would be the great trance and related to Liber VII, for example when he expounds in verse 40 of Chapter 1: “

*“When Thou shall know me, O empty God, my flame shall utterly
expire in Thy great N.O.X.”*

The techniques from Liber HHH, Had, and Nu make me believe that they also lead in that direction and that Liber VII is a method of accomplishing the theses related to the planets. Thus, in Chapter III of Liber VII, related to Jupiter and Chochmah: “I was the priest of Ammon-Ra in the temple of Ammon-Ra at Thebai. But Bacchus came singing with his troops of vine-clad girls, of girls in dark mantles; and Bacchus in the midst like a fawn” can result in an astonishing conclusion: the passage through Chochmah, seat of our Ruach's memory, could be the memory of the gone and Bacchus's troops oblivion.

The planets represent not things from another world, but the world where it starts from the idea for the realization of things. ARARITA is representative of all that is manifest. It is the key word of the 7 days of creation of reality. The astral plane Yesod could therefore be the entrance into the world of spheres and unity. Old and jovial God in the text indicate basically the beginning and the end, youth and old age, Jupiter and Mars. There is in Cabalah a golem practice where the initial words determine what is the head of being, and the other letters determine the shape of their body parts. This tradition is used to represent angels and archangels, and through Liber Ararita we can conclude that Crowley knew of these correlations. These correlations are used by Crowley from verses 4 through 10 of Liber Ararita, where each letter presents itself to him.

Still beyond ARARITA, Liber Ararita teaches a method of reasoning aiming at unity through confrontation. It features in virtually every chapters various aspects of the word ARARITA, and confronts them in order to know which one is real. It is through theses - statements about each entity, through the observation - and the antitheses - falsifying the possibility - that one reaches the synthesis. The upper end of the Hexagram is

traditionally attributed to Binah, there we note that ARARITA's experience may represent Daath's experience of a much simpler way than it spreads around: would be to cross the abyss an act of constructing theses and antitheses in search of a synthesis? The idea to experience and always present the opposite, according to Crowley, frees us from craving to see things as always reality and "get out" of the sphere of Ruach.

Regarding the practical implications, ARARITA is used in many rituals, the best known being the Hexagram and Sapphire Star Rituals. Despite the great amount of information about these rituals, there are some considerations that may be unfamiliar to some of the readers so I find it conducive comment. We will not detail the keys of the rituals, but only questions in general practices. In hexagram rituals each end is equivalent to a planet. The invocation and banishment take into account the sun's course on your trip apparent across the sky: in the northern hemisphere the sun appears to rise on the left and set on the right, so the hexagram strokes follow this path, or trace clockwise. The planet symbol is traced in the center of the hexagram, or zodiacal sign when appropriate. The name ARARITA is vibrated while traces the hexagram, and the kabbalistic name while tracing the planet symbol in the middle. Hexagram rituals can be used for many purposes. The 777 has a lot of planetary correspondences.

One of the simplest applications are to harmonize with the planetary forces where we do the ritual of summoning the planet in the morning during the seven days of week considering its traditional assignment starting on Sunday, day of the sun. Another form of work is with the assumption of god forms, where one seeks a intimate contact with a planetary force and related gods: one can make a ritual for a planet, and take its form daily (assumption to god forms). The septenary star can be used for the achievement of planet-related virtues or related vices, or simply banning and invoking the Planet.

The virtue related to the moon is humility, and vice is laziness. if we want more humility we can call on the moon more and during the moon, draw a crescent moon, so that we show the intention that the positive features of the moon to be manifest. For laziness, the banishment can be accomplished by using the waning moon in the center to represent that wants to banish the negative characteristics of the planet. An invocation of Sun and Mars may also complement this ban on laziness associated with moon. For the other planets this relationship is not possible, which makes the operation with the moon a very interesting work for its phases. The planet symbol should preferably be made to occupy the entire space of the center of the hexagram. For planet specific invocation, several modes can be experienced: Summoning the Planet in the Quadrant of Its Dominant Element (see elemental relationships in minor hexagram ritual), invocation of planet in all quadrants (most common), invoking the planet in the direction of its zodiac in the circle or even the actual actual direction of the planet.

The four rituals may or may not be used together. The greatest ritual of Hexagram can be used alone in cases of direct work with them. But usually a cleansing is done with the minor pentagram ritual (especially if the previous work is related to the elements) and

a preparation with the minor hexagram ritual, notably if we work with zodiac since this ritual works with the elemental forces on the zodiac wheel. ARARITA, as I mentioned, is also used in the Sapphire Star Ritual, which marks the union of the Adept with his guardian angel. At each cardinal point, making the hexagram of the earth, phrases of union between the elements are said to be one god only. The relationship between the Magician and the SAG is then cited in polarities. female and male, which implies that the ritual presents a polarized sexual characteristic. However, despite this feature, the ritual seems more consecrated since the ritual performer can assume being the subject (whether filia or mater or pater or filius) and "consecrating" another under Sapphire Star - it may be a trip, but the presence of duality makes me think about it, the constant presence of two beings in the ritual. As well as the Ruby Star is a banishing ritual only, Sapphire Star is a ritual of invocation, evolution of hexagram rituals. The Kabbalah (Sepher Yetzirah, or Book of Creation) assigns the following constellations in the following directions:

Aries (Mars) - Northeast - Father
Taurus (Venus) - Southeast - Mother
Scorpio (Mars) - Southwest - Son
Libra - (Venus) Northwest - Daughter

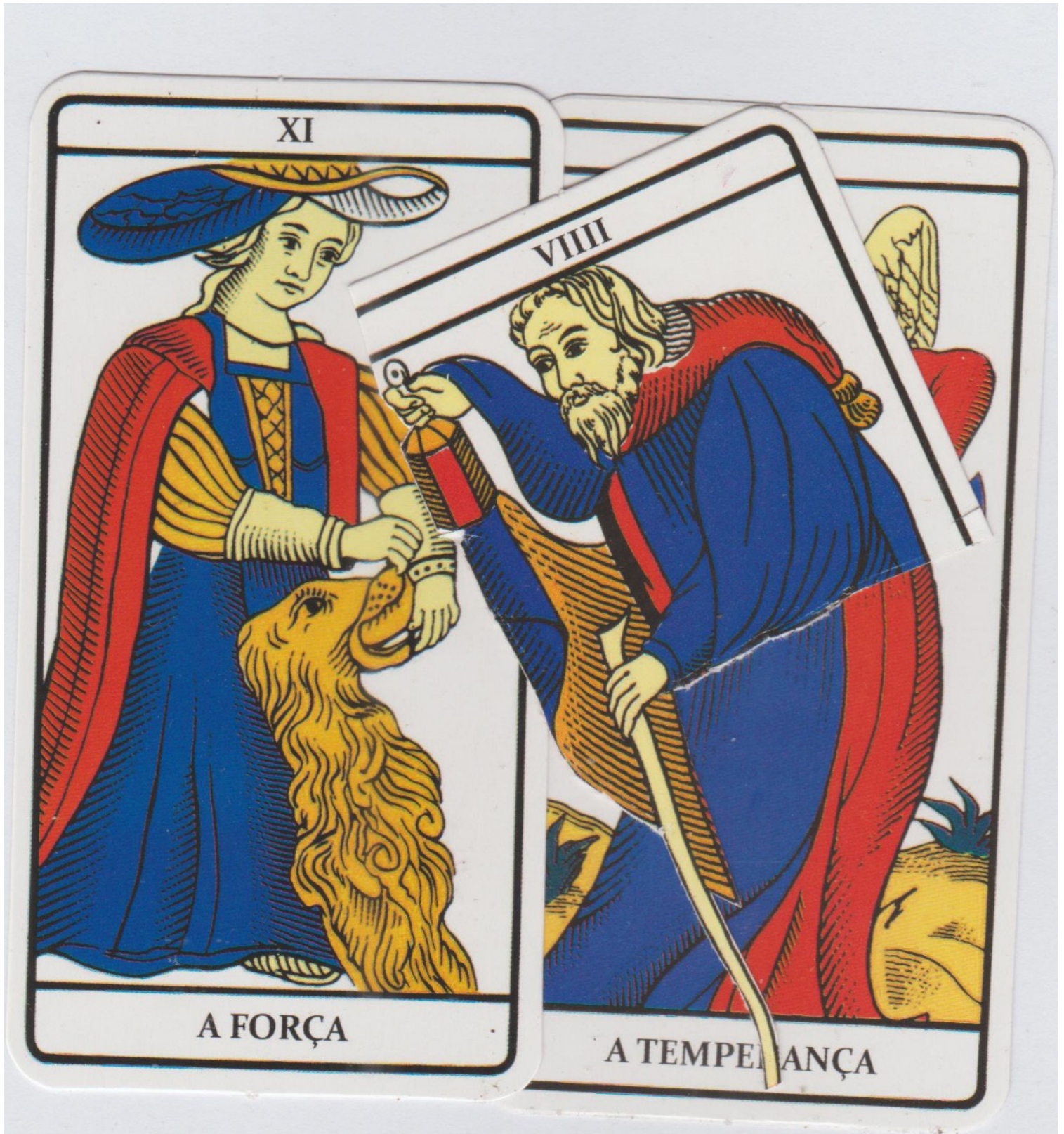
Here we can see that the fact that the Sapphire Star presents Mother, Father, Son, Daughter has much more astrological motivation than just being sexual. It is relevant to note that Aries and Scorpio are ruled by Mars, while bull and pound by Venus. The hexagram plot is the same for all quadrants - with the horizontal line drawing as used in the minor pentagram ritual -, changing only the main sentence that dictates the union of constellations. In a way, we have in the Sapphire Star the Tetragrammaton, YHVH, and we unite: Y + H, H + V, V + H, H + Y. I marked in bold the phase V + H because it is the union of Filius et Filia, which happens not by chance in the West, the season of completeness, of the end, of Autumn of the harvest. When you close the circle, it will go to the center of it. ARARITA is here vibrated three times, once with the sign of the Rose + Cross (the mark of the beast, which can be checked later in this edition), once with the sign of Set Triumphant, which is a full active position, and once with the Mulier (or Baphomet) sign, the passive position.

Set appears in the ritual as the hidden form of Horus. Set besides being the Egyptian god, also appears in the Zohar as a "successful name", already which is composed in Hebrew by the letters Shin and Thav, the final two letters of the alphabet. The appearance of Set or not is the result of success or not of invocation. At this moment communion is made: according to ritual the sacrament is drunk and communicated, shared between the Magician and God. The ritual text ends with a statement of the success of the ARARITA operation. Note that Horus, in Egyptian mythology once intoxicated was seduced by Set to his rooms, where Set entered sexually Horus. This myth would explain the relationship between SAG as a homosexual union relationship under ARARITA.

As in mythology, does Set dominate Horus during his drunkenness? To those who

like ufology, it might make sense to believe that the SAG could be of a race alien seeking contact with the human race after - from the adept - master it through the destruction and annihilation of Daath. I see Liber ARARITA as incredibly practical and associable with other Libri, like Liber Nu, liber Had, Liber 418, and extremely applicable to the Ritual of Sapphire Star and the Hexagram Rituals, a masterpiece among the Libri of Thelema. I could perceive, by my own practices, a correlation with the Enochian, notably the calls 1, 2 and 3, theme that I want to develop a next chance, when you have enough practice; ARARITA gave us the power to perform from spells to rituals and ceremonies elaborated over the last 2000 years, and ABRAHADABRA comes to be its complement. May the light it brought ARARITA to the middle ages, to the consolidation of Asar as supreme king and to ABRAHADABRA brings to our Éon continue to be this magical fiat lux that we begin each day in the mysteries of Life and help pass the Night of It awaits us as princes and princesses that we are, towards eternity.

Amaranthus



Rafael Medeiros
@rafaelmedeiostarot
fb.com/Tramolhos

10 CONSIDERATIONS REGARDING MALKUTH

Hello dear Brothers, sisters, friends and friends, 93.

A few days ago a correspondent, having read an article of mine, asked me: QVIF, you say that the common man does not live in Malkhut, but in Qliphot, although in the Kaballah school branches I have researched, this is not spoken. Why do you then keep saying that the common man lives in Qliphot? Good question, no?

Let's go. My correspondent talks about "Kaballah schools" and he is right about that. Not all Kaballah schools admit that we are in the world of Qliphot, taking a milder approach, considering the Qliphotic World a "demonic" world with which man is best off contact or rather avoided. As a rule, this "mirrored" world, also called Shell World, is the essence, for example, of the content of Liber 231, about which Marcelo Motta conducted a research in 1969, which some attribute as a result of this research to the beginning of his paranoia. But it was exactly Motta who took this view, namely that, essentially, the common man lives in the Qliphotic world, a world of disordered forces, entirely commanded by the incarnate "egos." These are the real Qliphotic demons. To understand what Motta meant, let's make some analogies and make some arguments:

1 - The incarnated ego is mostly the victim of the forces that surround it. He tries to get used to it, for a change by distracting himself. So, such a convict, living in a cell, he adapts to the small space and dreams of better days.

2 - Like a boat in the ocean, he lives the castaway life, literally "surfing" on the waves: one day is calm water, another day is agitated waves and another stormy day; soon everything comes back to sea lull. Once again, he adapts.

3 - In both situations, it is necessary to be aware of the situation that is present. In the first case it is necessary to escape, in the second case it is necessary to raise a sail on the boat and enjoy the storm, because the winds will make the boat leave its inertia.

4. In this way Qliphot speaks of our limitations and in practice shows awareness and someone solely concerned with the needs of self-preservation, food, selfishness, eventual sex, sleeping and striving for a position. nothing that any irrational animal doesn't do.

5 - Some may dispute: but if allied to all this, there is poetry, art, music, an irra-

tional animal does not do that. Yes, it's true. But even though thinking and doing some fantastic things (and some trained animals demonstrate this), what matters is the awareness and awareness spoken of here is that of being in a disorderly, blatantly embarrassing world and adapting to it without contesting, without fighting. Quo Vadis? (Where are you going?). Motta exemplified to Euclides that Qliphot can be compared to a dark room. Without seeing we hit the obstacles and over time we got used to it.

BUT WE ARE BLIND.

6 - It is up to the Probationist of A. 'A.', Acknowledge your status as inhabitant of the Qliphot world and strive to get out of this situation - so your initial task is to 'discover the true nature of one's own powers' and this is not only an 'aspiration', but a "perception" or a "fundamental change of perception" as Motta used to say.

7 - At Golden Dawn we have a tip: the Neophyte degree (equivalent to the Probationist Degree of A□A□) in the ritual is summoned out of darkness and into the Light. If he is in Malkhut, that would be unfeasible, because Malkhut is a reflection of Kether, emanation of Infinite Light. Crowley in Magick part 3, in the diagram of the tree of life gives us another hint: before Malkhut to a line, a veil, named "Portae". why if there is a door to Malkhut and the Probationist has not yet taken the initial step of the Tree of Life work that begins in Makhut where he is ????? Think ...

8. If Qliphot can be compared to a dark room, Malkhut is a bright room. The obstacles are still there, they will have to be overcome, but their perception means that we can choose the best way to do this instead of being forced to adapt for lack of choice.

9 - Malkhut is the world in which we realize what is around us. The slightest things. We are faced not with disordered forces, but with the four Elements. We have option. If a person arrives at A□A□ Neophyte degree and does not realize that he has options, he is nominally Neophyte, but in fact remains Probationist, victimized by circumstances he does not control.

10 In fact, what we are talking about here is: the ego under qliphoth tries to adapt to its own lack of control. The ego in Malkhut tries to gain control and choose, so it becomes a Lord of Asana, for it is not control of the external that is the way but of the internal. Remember: the devil is the ego and it manifests itself through the body. Make no mistake, dear Neophyte. For thou shalt be tested in boldness: This is the famous Nephesh Ordeal.

But that is a subject for another issue.

Big hugs to all

93.93 / 93

Q.V.I.F 196

qvif@abadiadethelema.com

9 CONSIDERATIONS REGARDING YESOD

or Levanah World

In these two years of 777 Magazine, we had a text that I love to read and study and I do indicate it a lot to certain readers which is an article from frater QVIF called 10 considerations regarding Malkuth. I always wanted to write a continuation of it, not in the same style, because we are different people with different experiences, but the will was what remained, besides a certain uninhibited poker face of mine, so I write this letter regarding my nine considerations about the ninth Sephirah which is called Yesod meaning “Foundation”.

At the same time I make a letter to those who live in the moon world or Levanah without references to the forgotten or mooned¹, much less to Joseph Smith and his Mormons², also I write for any researcher or even a curious about the theme.

A first consideration or curiosity about this sephirah is that it is also called El Shaddi, or Shaddai El Chai, which has been translated as “Almighty Living God”, but the more accurate translation according to some Kabbalists would be “fluid breasts of God”, thus establishing certain “notions of fertility” that we will cover later.

According to the ancient Kabbalists these images of Yesod were linked to an image of a god androgynous. “In rabbinic tradition, El Shaddai is given as the name of the deity in places, by example, “walk before me” (Genesis 17: 1)³, and may originally have meant “God, one of the mountains “. Its main symbol the Moon (reflecting Tiphareth the Sun) is also known as the Lunar Flame. It has also been called the “Mirror” or “Prism”, which reflects the spheres or higher levels, and it is said to be the “place” where visions occur, of course this place is within.

Continuing on a **second consideration**, besides being nicknamed the purifying intelligence, is commonly called the “astral plane” or “soul of the world,” Yesod is that subtle foundation electromagnetic substance in which all the highest forces are focused, constituting the base or the final model upon which the physical world is built, a blueprint. As Yesod is lunar in nature, Yesod degree experience, is reported as having experience visualization of the mechanics of the universe, as well as the control of the foundations of own being.

1 the Brazilian folklore, that or the one who was distracted, crazy, influenced by the moon; lunatic.

2 Joseph Smith and his moon civilization on Patriarchal Blessing Books, 9: 294, 295

3 “I am God Almighty(in Hebrew El Shaddai); walk before me, and be blameless,...Genesis 17:1

The mechanics of the universe tend to be a bit more complex than Herbie The Love Bug⁴ (a Volkswagen Beetle) engine, but note that when we come across the open engine cover and see that view, we have the notion of sound, smell and of temperature but would you know everything that is going on for it to work? In the universe manifested from Assiah nothing is born without sex, not even a thought, but Yesod is also a passage to another universe, what and where is the key to this door? In ways the foundations of a being define somewhat about who we are and where we came from, we can even quote one from dust you will return ", but“ ...who so gives one particle of dust shall loose all in that hour... ”⁵

The sympathetic and parasympathetic system are also foundations of the body working on impulse and visceral discouragements, the two work in harmony to coordinate visceral activity adapting the functioning of organs to the various situations in which it is submitted, let us not forget that everything in life is endocrine glands and solar and splenic plexuses.

“My blood is mixed with the crime of lust; For if we are one and pretend to be false, I digest the poison of your flesh,...” The Comedy of Errors by: William Shakespeare

We enter another powerful physical and animal force that brought us here and thus in the **third aspect or consideration**.

Yesod is associated with the strong primal image and feelings of our animal nature. It is not necessary to be immobile still in body and mind for long periods of time every day, but to reach perspective in Yesod it is necessary to master Asana, that is, to be truly still and comfortable for a moment. It may take more than a year of daily practice to achieve some success, Pranayama will help you the rest mainly on what to do and how to communicate, and will experience the Rhythm, after some mastery of both, we access the astral plane through our subconscious minds, or as Freud wanted: the unconscious. The hidden is always beneath the surface, in the realm of the unconscious, the instinctive lunar realm.

From this, our **fourth consideration** clarifies that some Kabbalists says that the universe manifested is a spiritual expulsion from the “fall” denoted in Genesis. Hence an allusion to the Body that it’s Nephesch; usually refers to Yesod, but in Assiah the energy processing that circulates by the body, a subject that I will still dare to address later. The dual world is “the whole” and Yesod is the root or foundation in dual manifestation. Yesod is also the gate that opens the Yetziratic

4 Herbie the Love Bug is a fictional sentient anthropomorphic 1963 Volkswagen Beetle, a character that is featured in several Walt Disney motion pictures starting with the 1968 feature film The Love Bug very popular in Brasil.

5 Liber Al 1:61

universe, where this sephirot gets its nickname of the founding of Psyche, where humanity forms the image that are part of their bodies, in the individual represents the sexual drive and all other reflexes survival is also home to Jung's collective unconscious, "contains all the spiritual inheritance evolution of humanity, "then there are two methods of studying the collective unconscious: Mythology and Analysis, According Regardie most of the psycho sexual locks of the humanities reside in this realm, no wonder some Kabbalists call this founding process "Zelem", or the vessel of shadows in which the body is shaped and reaches maturity, as well as another title by Yesod Treasury of Images "or the relationships of archetypal personalities that are a zodiacal reflection, theme on which Liber 963 or CMLXIII covers.

The foundations of own being deal with the unconscious in itself the reflection of the Sun, reflection of Neshama, the astral part of Nephesh, All, or almost everything, the characteristics attributed by psychoanalysts to the subconscious are analogously attributable to Nephesh, or at least that aspect of Nephesh with regard to instincts and impulses, and which acts as an automatic deposit of sensations and impressions, just as the collective unconscious expression may well be applied to our Astral light concept. All the fundamental instincts of a man, the radical impulses primaries or conditioning that he experiences belong to the foundation from which all the energy vital flows, so with the Dagger the magician works his automatic consciousness, takes the reins of certain natures, some say that he/she the Magician nail in his/her Dagger his "word" that represents his universe even though an incomplete idea of it yet.

The mechanism of the universe starts from the presupposed view that you are the center of your own Universe, your Sun, solis internum, even that written and gaping in many places tends to go unnoticed every time this is neglected the universe attacks us with the leaps of the elemental vices that as we are a little more awake the burrs become more strong, some call it distraction.

So our 5th note is that upon receiving the reflection of the sun or the emanations of the moon, our smaller sun, we see the binomial that: change is stability, and stability is change, the change of equation refers to the volatility of the element Air and Ruach which are the predominant forces in Yesod and in a way the generator of our obstacles, here we find the subtle substance electromagnetic force in which all the higher forces are focused, the ether, and constitutes the basis or final model upon which the physical world is built. Its elemental assignment is that of Air, always flowing, changing, and in a constant flow - but because of that perpetual flow, The Zelator breaks the illusion of the duration and rigidity of the earthly manifestation represented by Saturn - The Universe Tarot Arcana and frees himself from the perception of imprisonment. The perception is that there is no real permanence in the world and in the larger scheme of things we have little importance. Freedom from the distraction that tends to cloud the

ideas of permanence, that is, what remains or (which that remains). Before this self-knowledge is necessary the experience of immobility and rhythm, beyond that turns everything mere speculation.

In the **6th consideration** we will also deal poetically with a path definition, not intellectual though we know that each one chooses to manifest themselves in their microcosm or in their macrocosm his aspirated vision, fruit of his pyramidal bases already built and now enlarged by your will. Yesod's fleeting forms and "sound tide" movement with all their implications constitute the permanence and a strange sense of security of the physical world, the pleasure brings a sense of security while pain is a place where pleasure apparently rests.

Over time security becomes the prison of Ruach, hence the need change, because it is in the changing of tides, in periods of calm and bumps of the sea that one can set sail with insight while stability is the vision of the SAG experienced in the four nine minor arcana of the Thoth tarot. Stability is change.

So Mars in Gemini (Nine of Swords, Cruelty) is always a mental agony where Ruach is consumed in belligerence of instability (an inquisitor who is sentenced and consumed itself), but can turn into a powerful (albeit wild) force of dissolution of physical harm if properly used or a rage of gross appetites without refinement, change needed. The card Gain (nine of discs, Venus in Virgo), gives the plaster stability as long as we keep the vision of the SAG in mind what usually happens is a ordination of stagnation very well stressed in Taoism the combination of discs or coins in this letter when viewed for a long time usually play tricks, its green and pink coloring inevitably reminds me of some of the old Mangeira's sambas, and their stable rhythmic marking, but following. In Happiness (nine of hearts, Jupiter in Piscis) we have fish in all their illusion in the air, that is, it is a letter of joy because it is the most beneficial aspect of water, corresponds to Laetitia however, attachment to the stable moment may be a sign of danger. And in Strength (nine of sticks, Moon

in Sagittarius) we have the double symbolism of the moon in the tree of life, the letter itself represents the work of Yesod, of all that has been written thus far, in Liber 418 in the eleventh Aethyr IKH reveals to us interesting things, and symbolizes change and stability in itself, balancing it all In the view of machinery, change guarantees the order of nature.

The 7th point is: Qesheth as the conclusion of Zelator's ordeal in Yesod alludes to the mystical connection between Yesod and Da'ath (the Abyss). Qesheth then finally brings the Aspirant to Hod and then the arrow bends left on the Tree rather than directly to Tiphareth (which requires the Paroketh course) as well as Tiphareth's, the arrow bends to the left in Tree, bringing the Aspirant to Binah instead of Kether, the janitor launches to the left seeking intellectual balance,

verbal and nonverbal communication in Kokab or Reqia then the right seeking emotional and ardent balance, the standard mobilities of Nogah or Shechaqin only after that and hearing the reflexes of a conversation that started some time ago he around where he left, one step ahead still seeing and receiving the splendor through a veil, Tiphareth, which is the sun, and it rains on Yesod. It is this light that must be worshiped and seen as the point departure from the ascent of consciousness. This light that is first seen in Yesod is the light fractured veil of Qesheth. It is the source of the infinite diversity of life - the many stars and their orbits and their systems, I choose the silence of the experience.

The **8th consideration** from the point of view of the work in Yesod is the Svadhasthana Chakra, the lotus of six petals or the crescent moon chakra, always associated with the sexual organs. Here we must learn to volitionally direct our sexual and creative energy, trying to overcome inertia, anger, dispersion and emotional morbidity, all distractions. In the dwelling place of self, our practice it is personal and of course what is good for one may not be for the other, every practice from the point of view The Thelemic is always towards the Great Work, can be a mantra, a visualization, an asana. or all of that together, so we have in Liber AL, 1: 52, "... if the ritual be not ever unto me: then expect the direful judgments of Ra Hoor Khuit! "A good practice tip is always to take the sensations to the physical body, as new forms of communication will happen. Everyone who discovered as the center of their own universe, must travel through its sovereign orbit, trials or ordeals will occur even so that each one has their trajectory tested.

9th consideration:

Immobility that is also responsible for undoing the automatic and anatomical awareness besides destroying the ruptures of the static body is also called ASANA. Rhythmic breathing that undoes psychological awareness and destroys involuntary conditioning of the body Rupa, is also called PRANAYAMA Asana and Pranayama are your most important tools for those wishing for success in endeavor to glimpse the TRUE WILL itself, but there are always two edges in one self-respecting dagger.

Force and fire, are of us.

hoor@abadiadethelema.com

H418



Mariana Falcão
@mfalcao.studio

ASTRUM ARGENTUM

The Order That Exalts the Search for the Sacred Feminine, Needing Women

ΚΕΦΑΛΗ Γ
THE OYSTER

The Brothers of A.'A.' are one with the Mother of the Child.
The Many is as adorable to the One as the One is to the Many.
This is the Love of These; creation parturition is the Bliss of the One;
coition-dissolution is the Bliss of the Many.
The All, thus interwoven of These, is Bliss. Naught is beyond Bliss.
The Man delights in uniting with the Woman; the
Woman in parting from the Child.
The Brothers of A.'A.' are Women: the Aspirants to A.'A.' are Men.
Liber CCCXXXIII

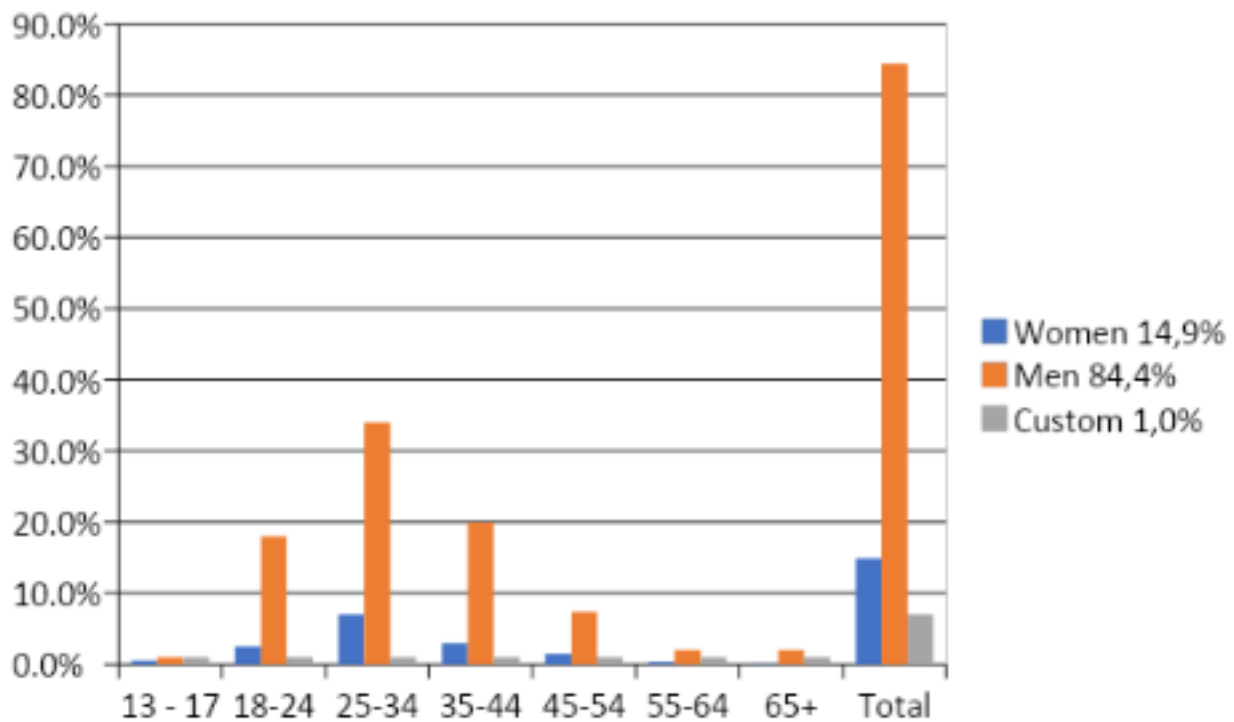
I will start this speculation by telling a little of my experience with Thelema. I met Thelema, just as I knew of Orders such as O.T.O. and A. ' A.' just over ten years ago. At the time I was involved in Wicca, in that phase of thirst for knowledge, obsessed with retrieving all the spiritual memory of my connection with magic (I personally believe that once a wizard, always a wizard, and that in every life there will be somehow this ransom).

At that moment I saw Thelema as a crazy thing, but very attractive and inviting, especially for my affinity and preference for the Occult Sciences. But I told myself that I wouldn't go into such a thing (deep down I knew that if I entered, that would be no return).

I was disappointed with Wicca, following another spiritualist path, until years later magic came knocking on my door again. Okay, I couldn't resist, and this time more mature, here I am. And of course, at the right time, Thelema abducted me through the Holy Order.

This return to magic came through a study group of Thelemites to present and teach the basic curriculum of Golden Dawn and A. ' A.'. I lived in this group for a year, participating in the courses, as well as events and parties, and that was why one fact caught my attention: the group was composed almost of men; those who sought the courses were mostly men; I saw myself at events that were just me and two women, in the middle of fifteen, twenty men. Predictably, when

I joined thelemic groups on social networks, especially Astrum Argentum Brasil, I came across the same problem: over 80% of the members are men



Age and gender table: data taken from Astrum Argentum Brasil group at 13/12/2018.

But why?

Next to A. "A." which is regarded as feminine, which extols the search for the female creative counterpart in the figure of Babalon, waiting for the adept on the opposite side of the chasm towards the City of the Pyramids ...

From this question I decided to research to understand a bit the reason. Data collection was done through a questionnaire with four questions answered by fifteen women, all aspiring to Thelema, belonging to A. 'A.' or familiar with the Holy Order. The objective of the questionnaire was to know the profile of the Thelemite Woman, as well as to analyze their point of view about their importance in the thelemic environment, and possible reasons why there is a lack of women in the system. The most significant answers were used in the content of this text.

During the information gathering process, I came across a female audience with different profiles. Most of the contacts were very receptive and helpful in answering the questions. Some were fully interested in the subject, to the point of thanking them for contributing to the exposition of such a relevant topic. In contrast, others did not give much significance to the research, nor wanting to participate.

As for the questionnaire applied, it was first asked what made them choose by Thelema and / or the Holy Order. Both responded that in addition to identification by the philosophy of Thelema, coexistence and relationship with Thelemites influenced the desire to deepen their studies or even to belong to a Thelemic Order.

“... I didn't feel choosing, I felt going and when I saw I was already there, it was already part... What attracted me most was the experimental scientific thinking behind it. I didn't feel like an esoteric freak out there - I was always attracted to occult issues but it took me a while to get it right, I never felt comfortable with Wicca and etc ... there would be no one dictating rules to me and there was an attraction for the force of wanting to seek the themselves and live genuinely. ”*

“... I didn't understand at first that I was choosing Thelema. I got involved in Calen for the magic theme and gradually I understood myself as a student of Thelema and not only of magic. What attracted me most was the search for true will and the sincere need to devote to this path. ”*

The interviewees belonging to A. ' A.' revealed that one of the reasons for the choice was that the Holy Order did not have a physical space, making the commitment exclusively to the aspirant to her or himself.

“... I attended IRC daily and had many channels of Occult, Wicca, Satanism, Thelema, etc. And in the daily conversations with the friends I made there, I went deeper and more interested in Thelema, Crowley ... I found Thelema a complete system. Crowley has put several things together and it works well. I accepted the law of Thelema, Liber AL and Liber OZ, and from there I gave segment in Thelema and its philosophy, a little later, in 2002 I was interested in AA so much for the organization of studies that AA proposes, also by individual practices. I particularly don't like collective practice as it is done in O.T.O., so A. ' A.' fell like a glove in that regard. ”*

“Before choosing A.' A. ' I already considered myself a Thelemite, but I felt a need to participate in some order ... I researched other orders at the time, then realized that I am not the type of person who likes to live in clubs, so I decided to choose A. ' A. '... I like A. ' A.', By having a commitment to yourself, you are not fooling anyone and if you are fooling yourself you will be cheating on yourself. ”*

About thelemic groups on social networks, most of the interviewees said they were participative, but prefer to interact when they feel comfortable. Some participants said they only follow the posts, others have lost patience with discussions in Facebook groups. And there was a sister who said not to participate:

“No, I don't consider myself a Thelemite. I am just a person who studies Thelema. I didn't know who really followed Thelema, I see only Thelemites who

live in extreme mental chaos, where everyone thinks he owns the real solution. Swallowed by their own ego, they find themselves heirs of a doctrine that they do not even follow. Just status, just the sense of writing long texts of beautiful words that even they don't understand, just the ego of being part of a closed group, a tribe, where one applauds the other (seeing only their own ego). ”*

Following in the context, the participants were asked if they had already encountered any resistance from the male public to expose opinions in thelemic groups, both social networks and face-to-face. In response, it has been said that in face-to-face groups, finding resistance to interacting is more difficult. In general there is respect, receptivity, and the treatment between men and women is the same, but they did not fail to signal that there are groups and groups.

In social networks, however, the situation changes. Few said they encountered resistance in exposing themselves, but all were already challenged at some point, with not always constructive criticism. The biggest complaints were about being greeted with macho responses, in tones of irony and underestimating knowledge. Attitudes, which test patience and discourage greater participation in conversation groups. It is easy to understand that behind a screen children saw lions (let's make it clear that this happens to both sexes).

“I've been to some big bullshit on groups and Youtube channels for the Not Your Babalon T-shirt, with magical threat and videos against me and Rxxx (omitted name). In addition to public chauvinistic discussions that even reverberated between our group personally. It greatly diminished my interaction after that. ”**

“... I don't know how my opinion is received, I've received a lot of criticism and compliments at the same time, which I also do to other people sometimes, so I think it's fair that people don't agree or agree with what I say. . ”*

“If groups are understood only social networks, yes. I think these online environments are very hostile to women. I've already had some discussions within the Thelema BR community and the answer is always quite complicated. I was called heretic thelemite, was also cursed, and questioned... but anyway... despite seeing this hostility, I don't feel affected because in the “offline” communities, in the face-to-face communities, I found a lot of respect and support. ”*

“I found no resistance. But I was already refuted, and in this case, it was someone who contributed to my learning. If all conversations were like this ... Most of the time I watch the group, I see people calling themselves Thelemites (I don't consider myself Thelemite, it's still early for any definition) discussing nonsense about another nonsense. ”*

“Resistance in itself with me not, but I’ve seen it with other people, but the big problem in social networking groups is sometimes (or often) people don’t respect the opinion of others, you have to see that every man and every woman is a star and lives in its own orbit, so each one has a way of thinking, of doing things ... We have to see if the ones who offer “resistance” are the real thelemites, scholars and practitioners who lead to their the philosophy of Thelema and the understanding of what Thelema is, or if they are the bucks, these are the majority in the groups. ”*

“I don’t see why I just don’t participate, but I don’t feel comfortable getting in there and debating things... it’s all joke and mockery.”

To close the interview, the question that could not be missed was asked: “Most Thelema Aspirants are men, have you ever stopped to reflect on this? Any suggestion?”

“I think the structural chauvinism of our society along with the ever-increasing religious fundamentalism helps in that. Women who are barely talking about sex are not encouraged to discover and develop their power, even to have an opinion. Beyond all the witch’s stigma and wanting to study magic. The environment becomes easily hostile and easy to take advantage of women. ”* The interviewee added that she was always very well received in the group to which she belongs and by the people she met at events.

“One time I was talking to a girl and she said,” You’re so nice, I don’t understand why you’re a Thelite. “ I find it more interesting to think of women than too many men in between. Why would a woman be interested in Thelema? At the time I was doing some posts about libertarian feminism in a Facebook Thelema group I got a private message from an article saying Crowley was misogynist. The only thing I could think of is, “Crowley is dead.” I believe we have to be prepared for now, we have amazing women who were part of Thelema’s story, I don’t consider myself “Crowleyist” (someone who follows what Crowley with tooth and nail), but I recognize that he has had many mistakes and that he may have recognized over the years or not. It really doesn’t matter to me. Perhaps our role is to spread again about these women and do our part. I think being a Thelemite woman is a relevant role especially when one has a distorted perception of sexual magic by men. As a woman who seems to have a secondary role in magic, she is now considered the protagonist of history. ”*

“I think it’s a systemic problem. Our society is sexist, the A. “ A. “ It’s macho. You see? I don’t think it’s anything specific about A. “ A. “ And yes about men. I think in A. “ A. “ This is also reflected by being structured by men. But I believe we are in a moment of revision of this structure and I see the emergence of many sisters interested in this breakdown and construction. I don’t believe there is a suggestion, but an agency. I believe that the work of interested people and the

meeting of wills can change something about that. ”*

“In my view, for the Holy Order, it is a matter of calling and opportunity for access. I believe these numbers tend to equalize as they do in universities. For groups, what hinders is the form of communication, since women are another polarity. While men use the air element more, they are much more intellectual (this does not mean that they really know something, they are only discussing concepts that they often do not understand in their essence); women are more sensitive, more tactile ... ”*

“I believe that men know how to handle freedom better than women.... Men have a greater interest in the unknown, most of them with a firmer willpower, and they are not fooled by stupid delusions. The woman lacks the courage to enter a more unknown path ... I think the woman has to have the curiosity and daring of men to face the unknown side of life. ”*

“... Apart from the chauvinism of everyday life, it seems to me that men don't take women's experiences seriously... Maybe fewer women are adept at not feeling so safe there in such a masculine environment.” *

“... interest or lack of interest, there are women who prefer to go to other aspects of the occult, or there are women who prefer to be in women's groups only, or find another aspect more interesting ... In non-social groups to take a base of machismo inside Thelema, because many are not Thelemites, are there out of curiosity, or because they found something cool inside Thelema ... there are people who only come in to cause etc., ... cases of machismo with women, or even cases of prejudice against gays, transgender people, etc., sometimes come from these people I mentioned who are not Thelemites ... A good place to do research on the existence of machismo in Thelema is in Orders that do jobs. Because there are women and men together with face-to-face meetings and ritualistic practices, women could tell exactly if they have ever experienced cases of machismo or resistance or the like. ”*

The research results did not surprised me, just as I believe it will not surprise you either.

Being a woman, since the world is world (maybe in Eon of Isis was a little different) has never been easy. It comes from our ancestors being created to remain in the shadow of man, and that has unfortunately become part of our DNA. Miraculously, several Super Women were born with this modified DNA and sowing through the centuries a new awareness of Feminine Value, which is slowly being cultivated, gaining more strength and being harvested in recent generations.

At the beginning of the twentieth century, Thelema emerged as one of the

philosophies that recognized Feminine Power as an indispensable tool of work, where the Sacred Feminine became one of the main pursuits of Aspirant to Thelema throughout its initiatory process. Regrettably, there is a misunderstanding on the part of many of the search for this Sacred, turning it into the search for an entity and not for an essence, which eventually influences a mistaken view on the role of the feminine within philosophy.

Themes such as Sexual Magic, for example, often mishandled in the Thelemic milieu, are becoming trivialized by those who think they are Thelemites without being. Importantly, talking about sex in the female universe still creates discomfort for many women in the 21st century.

Thus, as chauvinism, trivialization and lack of clarification of so-called controversial issues, contribute a lot to scare away the female public.

On the other hand, when well disseminated, Thelema's philosophy gives us women the freedom to be full with ourselves, without strings attached, without accepting any kind of underestimation, of accepting our sexuality by making it our own. Thelema teaches us to release the shackles of this macho culture embedded in our DNA.

However, Thelema is Feminine, A. " A. " She is Feminine and we Women will, even if little by little, conquer our proper roles in Thelema (and in the world) with respect, recognition and equality. Smart are those who can see the priceless value we have within this philosophy.

To the sisters of A. " A. " Unity;
To the Aspiring Sisters to Thelema, Strength;
And to the others, An Invitation!

My sincere thanks to the Sorores and the Thelema Students, all warrior women, who contributed to this text being born.

Love is the law, love under will

ignis@abadiadethelema.com

Soror Ignis

NEW ÆON

Aleister Crowley and Raul Seixas on Thelema

Victor Cei

There exist a number of misconceptions and prejudices about Aleister Crowley (1875–1947), an author who was a frequent target of the sensationalism of the media, which labeled him as “the wickedest man in the world”¹. Until today, his public image is “one of a stock figure of transgression and evil, the godfather of contemporary Satanism and the advocate of every kind of excess, from sex to drugs and, with some posthumous assistance from pop musicians, rock and roll”². On the other hand, critical studies have recently shown that the referred label is not representative of Crowley’s legacy and influence.³

As a prophet of a new age and promulgator of a scripture (The Holy Books of Thelema), Crowley established a field of study by producing work whose importance can be accounted both in terms of his reception by the counterculture movement, popular culture and the cultural industry, as well as in view of the religious change that it triggered in Western culture⁴.

In this essay, I present a summary of my broader discussion of the multidimensional similarities between Aleister Crowley’s and Raul Seixas’s views on Thelema, as well as my argument that Crowley’s influence on Seixas regarding this issue cannot be neglected⁵. I argue that both authors wrote quite clearly of an ideal to the New Æon, and that they took very seriously the task of creating this ideal as a viable alternative to the predominant Christian morality. The motto “Do what thou wilt shall be the whole of the Law”⁶, formulated by the English occultist and sung by the Brazilian composer, functions as a reconceptualization of the ideal of freedom as autonomy and individual sovereignty.

I shall attempt to establish two main points: first, I will focus on the concept of “New Æon”, that is, on Crowley’s and Seixas’s discourses about this new age. On this basis, I shall then address the reasons why the aforementioned motto functions as the cornerstone for Thelema’s secularized esotericism.

New Æon

1 Crowley and his community were especially the targets of the tabloid John Bull, in March 10, 1923, and March 24, 1923; cited in Djurdjevic (2012): 122.

2 Bogdan and Starr (2012): 03.

3 See Santos (2010), Bogdan and Starr (2012), and Pasi (2014).

4 Bogdan and Starr (2012): 07

5 See Santos (2010).

6 Crowley (1983): 110.

Æon is a late Latin word derived from aion, a polysemic ancient Greek word that refers to one of the notions of time. Most dictionary entries assert that aion is used to express an endless duration of time, or a period of time that is so long that it cannot be measured, although it is frequently used to express a limited period. The most common English translations are “eon”, “age” and “era”.

In Raul Seixas's work, the concept of Æon is based on the work of Aleister Crowley, who founded the doctrine of Thelema, an alternative or New Age spirituality. Even if it has no dogmas, Thelema did develop a distinctive set of teachings that aims to illuminate the historical situation of humankind.

The Thelemites believe that the history of humanity can be divided into a series of Æons. Each one is characterized by a magic formula that is based on how the everyday facts and cosmological theories are perceived, and it may take the form of symbols that purportedly increase the ability of individuals to perceive themselves and the universe.

Crowley recognized in the Egyptian gods Isis, Osiris and Horus (respectively, mother, father and son) the magic formulas that characterize the last three Æons⁷. The first, the formula of the Great Goddess, covers the prehistory period, marked by matriarchism. Nature was seen as a continuous process of spontaneous growth and women, as the sources of human life.

The beginning of the Osiris' Æon marks the end of matriarchism and the beginning of patriarchalism. It inscribed self-sacrifice and submission to the Dying God. The ensuing revolution in gender awareness and social organization was underpinned by the fact that the Great Goddess became just the wife of the Father God.

From ancient times to modernity, the Osirian patriarchal formula was crystallized as the central myth of countless cultures and civilizations, continuing to dominate the sociocultural and spiritual life of many societies nowadays.

The New Æon, in turn, corresponds to the Age of Horus, the magic formula of the Crowned and Conquering Child, which reconcile and transcend the formula of the two previous Æons. The prediction of this new age, announced by Crowley, was widely disclosed after the countercultural movements, which sought to outstrip the values of the Old Æon, announcing the astrological age of Aquarius. According to Lon Milo DuQuette, the Æon of Horus:

*is coincidental to what astrologers and songwriters call the Age of Aquarius and what millions of others refer to simply as the New Age. But it would be a mistake to view this new aeon simply as another tick on a great cosmic clock. The Age of Aquarius, profoundly significant as it is, is only one aspect of a far greater new spiritual age.*⁸

7 See Crowley (1983) and DuQuette (2003).

8 DuQuette (2003): 14.

The 1960s and 1970s witnessed a revival of interest in Aleister Crowley, and many of his works that had been out of print for decades were reissued. His writings on magick, mysticism, sexuality, and drugs appealed to the tastes of the flower power generation, and were read as the prediction of the new age that young people tried to materialize in alternative communities. He quickly became an icon for the counterculture and rock and roll movements, because he was a mythical and controversial person, who defended autonomy in the pursuit of individual freedom.⁹

In Brazil, Crowley's most distinguished disciple was Raul Seixas, a rock and roll and Brazilian Popular Music singer and songwriter. He was born in Salvador, the capital of the state of Bahia, on the morning of June 28, in 1945. Between 1968 and 1989 (the year of his death) he recorded 21 albums and did some live recordings and compilations.

Raul Seixas's work was produced in the darkest years of the military dictatorship that subjugated the Brazilian people between the 1960s and 1980s. His songs were a mixture of different rhythms and musical styles, poetry and music, philosophy and astrology, occultism and religion, social criticism and counterculture, all associated with the use of licit and illicit drugs. He called himself a philosopher who became a singer in order to reach the general public:

Like the Beatles, who have learned in the studio, there I learned all the tricks. I learned to make commercial music, pretty and intuitive, which leads straight to what I want to say. So I quit the metaphysics treatise that I was going to write. I decided to "write" the book through the records, the radios. It's positive, it's better.¹⁰

Attentive of the communicative dimension of music, which takes on a significant role in a country of few readers¹¹ like Brazil, Raul Seixas had the desire to offer his songs as a memory of his time, weaving autobiographical content and social memory. His work was largely developed as battles between the forces of repression and resistance took place in Brazil. Therefore, it is a recall of the tensions that Brazil experienced during the military dictatorship. Raul Seixas's songs touch on hotspots of political, social and cultural questions in Brazil during the 1970s and 1980s, with strong resonances nowadays. As we shall see, the idea of the New Æon is suitable for Seixas in his songs just as a critical instance from which he opposes the dictatorship of his time.

The word of the Law

Despite the fact that Raul Seixas has never commented publicly with details his

9 See Santos (2009), and Bogdan and Starr (2012): 6-7.

10 Seixas (2003): 27.

11 According to the 4th edition of the "Reading Portraits in Brazil" research, 44% of Brazilians are non-readers (See Failla, 2016). In the seventies the situation was worse owing to the fact that as many as 33% of Brazilians were illiterate.

experiences in esoteric and occult organizations, his songs nevertheless show us that he released the New Æon by drawing on the teachings of Crowley. One of the most unmistakable references to the British occultist in Seixas's discography is the song "A Lei" (The Law), from the album A Pedra do Gênesis (The Genesis Rock), which consists of a translation of Crowley's Liber Oz. The song lyrics are quoted below and then, followed by Crowley's original manifest (The Liber Oz), in English.

Todo homem tem direito

De pensar o que quiser
Todo homem tem direito
De amar a quem quiser

Todo homem tem direito
De viver como quiser
Todo homem tem direito
De morrer quando quiser

Direito de viver
Viajar sem passaporte
Direito de pensar
De dizer e de escrever

Direito de viver
Pela sua própria Lei

Direito de pensar
De dizer e escrever

Direito de amar
Como e com quem ele quiser

Viva, viva, viva
Viva a Sociedade Alternativa

A Lei do forte
Essa é a nossa Lei e a alegria do mundo.
Faz o que tu queres há de ser tudo da Lei.
Faze isso e nenhum outro dirá não.
Pois não existe Deus senão o homem.
Todo homem tem direito de viver a não ser pela sua própria Lei.
Da maneira que ele quer viver.
De trabalhar como quiser e quando quiser.
De brincar como quiser.



“a lei
do forte:
esta é a nossa lei
e a alegria
do mundo.”

– AL II:21

“Faze o que tu queres deverá ser o todo da Lei.” – AL I:40

“tu não tens direito a não ser fazer a tua vontade. Faze isso, e nenhum outro te dirá não.” – AL I:42-43

“Todo homem e toda mulher é uma estrela.” – AL I:03

Não existe nenhum deus senão o homem.

1. O homem tem o direito de viver por sua própria lei –
de viver do modo que ele desejar:
de trabalhar como ele desejar:
de brincar como ele desejar:
de descansar como ele desejar:
de morrer quando e como ele desejar.
2. O homem tem o direito de comer o que ele desejar:
de beber o que ele desejar:
de morar onde ele desejar:
de se mover como desejar pela face da terra.
3. O homem tem o direito de pensar o que ele desejar:
de falar o que ele desejar:
de escrever o que ele desejar:
de desenhar, pintar, esculpir, estampar, moldar, construir
como ele desejar:
de vestir-se como desejar.
4. O homem tem o direito de amar como ele desejar:–
“tomai vossa fartura e vontade de amor como quiserdes,
quando, onde e com quem quiserdes!” – AL I:51
5. O homem tem o direito de matar todos os que contrariarem estes direitos.

“os escravos servirão.” – AL II:58

“Amor é a lei, amor sob vontade.” – AL I:57

Todo homem tem direito de descansar como ele quiser.
De morrer como ele quiser.
O homem tem direito de amar como ele quiser.
De beber o que ele quiser.
De viver onde quiser.
De mover-se pela face do planeta livremente, sem passaporte,
Porque o planeta é dele. O planeta é nosso.
O homem tem direito de pensar o que ele quiser.

De escrever o que ele quiser.

De desenhar, de pintar, de cantar, de compor o que ele quiser.
Todo homem tem direito de vestir-se da maneira que ele quiser.
O homem tem o direito de amar como ele quiser.
Tomai vossa sede de amor como quiseres e com quem quiseres.
Há de ser tudo na Lei.

E o homem... tem direito de matar todos aqueles que contrariarem esses direitos.
O amor é a Lei, mas amor sob vontade.

Os escravos servirão.

Viva a Sociedade Alternativa.
Viva, viva, viva!¹²

The Liber Oz, Crowley's manifest translated by Raul Seixas and read aloud or sung in his concerts, summarizes the precepts of the Thelema doctrine and serves as a declaration of principles for the New Æon. The word of their Law is Thelema, a Greek term that means "will". Its motto is "Do what thou wilt shall be the whole of the Law". As a magical practice, it consists of "a self-conscious exploration of subjectivity",¹³ "a particular and self-conscious engagement with selfhood"¹⁴.

The Law of Thelema is a cry for freedom. It inveighs against Matthew's (6:10) motto where the apostle and evangelist preaches the surrender of individual will to the will of God, accepted as a supreme entity that embodies the order of the universe: "Thy will be done in earth, as it is in heaven".¹⁵

In order to fulfill the divine will, Christianity imposes commandments in the form of scriptures and rules under the guidance of the priests. The Thelemites, in turn, instead of waiting for a transcendental power that justifies the world, ascribe their own meaning

12 Seixas (1983).

13 Owen (1997): 100.

14 Owen (1997): 104.

15 King James Bible Online (2018).

to their lives. Everyone's will would already be in perfect harmony with the divine will, thus constituting one and the same desire. Therefore, the only reliable source of spiritual guidance in the whole universe would be ourselves. The individual, not God, becomes the center of the universe: "I am alone: there is no God where I am".¹⁶

The triumph of individual will, here, can lead to the image of a crystallized Man-God, placing the individual in the altar of the ancient gods. However, we have here a Man-God without Commandments, without dogmas, without any commitment to tradition or sets of values. Being a Thelemite means one is never fixed, but always changing, in a perpetual process of self-overcoming that rejects dogmatism. Ignoring the standards he sets for himself, the Thelemite laughs at the ideal of the self-made man. As Raul Seixas sang in the song "Metamorfose Ambulante" (Ambulant Metamorphosis): "I prefer to be an Ambulant Metamorphosis / than to have an old opinion about everything".¹⁷

If "Every man and every woman is a star",¹⁸ every human being is unique, endowed with their own thoughts and desires. Distinctiveness is characteristic of man and all the same, his condition of similarity. What we have in common is that we are all different.

Among the songs on the subject, the one that Raul Seixas composed originally in English, namely, "Sunseed", from the album Novo Aeon (New Aeon) is rather representative of the centrality of the subject

You were born at the ending
As the curtain came down
I can see you're confused girl
But it's all right
It's only the chime
Announcing a new time
You see now

Boats are cruising the deserts
Oceans cracked by the heat
People drowning in raindrops
But it's all right
It's not a defeat
Stand on your own feet

Right now the sun doesn't shine
He's loaded on wine
Though I can laugh in the storm
Because I was born

16 Crowley (1983): 116.

17 Seixas (1973).

18 Crowley (1983): 107.

When the sun used to
Shine in June.¹⁹

Sunseed's lyrics are composed with metaphorical language and symbolic images that seem to convey the experience of a mystical transcendence of the dominant state toward freedom that overcomes the limitations of the Self. The sunseeds are metaphors of the revolution – the departure from the State of Exception to the New Æon, projecting the horizon of an Alternative Society. But it does not mean a change to a new social order, to a new state, as claimed by the various strands of Socialism. Seixas advocates an Alternative Society inside each individual according to their own will: “I get letters and more letters every week from people willing to join the project. But I want to warn you that the Alternative Society is not a club or a party, it's an idea. The membership card of the Alternative Society is yourself”.²⁰

Raul Seixas refused membership to an organized alternative movement because he rejected all forms of power and authority that restrict the autonomy and freedom of individuals. As a magic formula, “Do what thou wilt Shall be the whole of the Law” shows up as a symbolic expression that one must enunciate and follow in order to reach the New Æon.

The exacerbated focus on the individual does not mean that Seixas has abandoned any commitment to the community. However, social change is thought to only emerge out of the bringing together of individual liberties. Considering that each person is a star, it is every individual's responsibility to give meaning to their own lives.

One must make sense of life in a way to strengthen one's own existence. For Aleister Crowley and Raul Seixas, this meaning is the individual path expressed in the Law of Thelema wherefrom man can guide himself to self-development and greatness. This is their proposal: we must live our own passions and desires, experience what gives us the greatest sense of strength and accomplishment and in doing so, develop ourselves to the fullest.

* Paper originally presented at the postgraduate conference Current Research in Speculative Fiction, University of Liverpool, June 17, 2013. Revised in February 2018.

Bibliography

Bible. King James Bible Online. Available at <https://www.kingjamesbibleonline.org>.

Bogdan, Henrik, and Starr, Martin. “Introduction”. In Aleister Crowley and Western Esotericism. Edited by Henrik Bogdan and Martin Starr. New York: Oxford University

19 Seixas (1975).

20 Seixas, cited in Santos (2010): 126.

Press, 2012.

Crowley, Aleister. *The Holy Books of Thelema*. York Beach, Maine: Samuel Weiser, 1983.

_____. *Liber Oz*. London: O.T.O., 1941.

DuQuette, Lon Milo. *The Magick of Aleister Crowley: A Handbook of the Rituals of Thelema*. San Francisco: Weiser Books, 2003.

Djurdjevic, Gordan. "The Great Beast as a Tantric Hero: The Role of Yoga and Tantra in Aleister Crowley's Magick". In *Aleister Crowley and Western Esotericism*. Edited by Henrik Bogdan and Martin Starr. New York: Oxford University Press, 2012.

Failla, Zoara (ed.). *Reading Portraits in Brazil - 4th edition*. Rio de Janeiro: Sextante, 2016.

Owen, Alex. "The Sorcerer and His Apprentice: Aleister Crowley and the Magical Exploration of Edwardian Subjectivity." *Journal of British Studies*, v. 36, n. 1, pp. 99-133, 1997.

Pasi, Marco. *Aleister Crowley and the Temptation of Politics*. Translated by Ariel Godwin. New York: Routledge, 2014.

Santos, Vitor Cei. *Novo Aeon: Raul Seixas no torvelinho de seu tempo*. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2010.

Santos, Vitor Cei. "Aleister Crowley e a contracultura". *Darandina Revisteletrônica*, v. 1, n. 2, pp. 01-09, 2009.

Seixas, Raul. *Raul Seixas por ele mesmo*. Edited by Sylvio Passos. São Paulo: Martin Claret, 2003.

Discography

SEIXAS, Raul. *A Pedra do Gênesis*. Copacabana Records, 1988.

SEIXAS, Raul. *Novo Aeon*. Philips/Phonogram, 1975.

SEIXAS, Raul. *Krig-ha, Bandolo!* Philips/Phonogram, 1973.

